

REFORMADOR

Revista de Espiritismo Cristão

Fundada em 21-1-1883 por

Augusto Elias da Silva

Ano 118 / Novembro, 2000 / Nº 2.060

ISSN 1413-1749

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

Deus, Cristo e Caridade

Direção e Redação
Rua Souza Valente, 17
20941-040 Rio RJ Brasil



www.febrasil.org.br
feb@febrasil.org.br

Editorial – Paz e Esperança

Perspectivas Animadoras — Juvanir Borges de Souza

Acorda, Homem! — Mauro Paiva Fonseca

O Futuro só a nós Pertence — Ricardo Di Bernardi

O Sinédrio e a Igreja do Caminho — Severino Barbosa

Na Construção da Paz — Nestor João Masotti

Anjos da Paz — Cruz e Souza

A Paz vem de Deus — Divaldo Pereira Franco

Esflorando o Evangelho — Aproveita — Emmanuel

Vontade: Ferramenta da Evolução — A. Merci Spada Borges

Tratamento Médico e Tratamento Espiritual — Umberto Ferreira

A FEB e o Esperanto – Richet e o Esperanto — Charles Richet

Trovas do Além — Colombina e Toninho Bittencourt

Direitos Autorais — A Presidência

Henrique Magalhães no seu Centenário

Abordagem ao Evangelho — Passos Lírio

Encontro Nacional do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita

FEB – Conselho Federativo Nacional - Reunião em Brasília nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2000

A Reforma do Código Penal – II O Aborto — José Carlos Monteiro de Moura

Seara Espírita

Assinatura de Reformador - Edição Impressa

Seja Sócio da FEB

Nota: A capa desta edição dá ênfase à Paz, valorizando a visão espírita sobre esse tema, ressaltada no Editorial – *Paz e Esperança* – e nos documentos preparados pelo Conselho Espírita Internacional e por Divaldo Pereira Franco para o Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais, que a ONU realizou com grande êxito no mês de agosto. Como ressalta o Editorial, o Encontro foi “uma prova eloqüente de que já pode haver esperança de paz, de compreensão, de fraternidade entre os homens, independentemente da raça, da cor da pele, da religião, da nacionalidade de cada um”.

Editorial

Paz e Esperança

O século XX, que está terminando, caracterizou-se por contrastes extremos dos fatos que nele se desenrolaram.

De um lado, o avanço nos conhecimentos científicos e na tecnologia, como em nenhum outro período anterior.

De outro, a eclosão de duas guerras mundiais, assinalando-o como o mais violento na história da Humanidade.

Ao se iniciar um novo tempo, segundo as convenções humanas, nosso Mundo vai continuar, sem dúvida, no caminho do progresso em todos os campos do conhecimento. Novos estágios serão alcançados.

Entretanto, no que concerne à violência, de que as guerras entre nações, etnias e grupos constituem o mais triste exemplo de atraso deste orbe, há necessidade da afirmação de uma nova mentalidade direcionada para o bem de todos – o cultivo da Paz.

Felizmente, apesar da grande influência do mal neste mundo de expiações e de provas, grande parte de seus habitantes já se inclina para o Bem e já atua de maneira franca e desassombrada para sua predominância.

O recente Encontro dos Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial, promovido pela Organização das Nações Unidas, em sua sede, em Nova York, é uma prova eloqüente de que já pode haver esperança de paz, de compreensão, de fraternidade entre os homens, independentemente da raça, da cor da pele, da religião, da nacionalidade de cada um.

Num Encontro em que todas as religiões da Terra estavam representadas por seus líderes, é grato a nós, espíritas, constatar o entendimento havido, expresso em documento de alta significação, no qual estão apontados graves problemas da Humanidade atual e o compromisso de todos para solucioná-los.

O Terceiro Milênio inicia-se, assim, sob os auspícios da paz, da não-violência, da cooperação, do entendimento, da solidariedade, da educação para todos.



Perspectivas Animadoras

JUVANIR BORGES DE SOUZA

O final do século e do segundo milênio da Era Cristã está oferecendo perspectivas evidentes de um mundo melhor para a Humanidade.

As terríveis ameaças de um cataclismo nuclear, vividas há poucas décadas pela população do mundo, parecem afastadas pela compreensão dos homens dos governos que detêm os segredos e a tecnologia das armas atômicas.

Há uma propensão natural em se evitar proliferação de perigos incontrolláveis em mãos de governantes irresponsáveis.

De outro lado, os antiqüíssimos conflitos resultantes de antagonismos raciais, religiosos, políticos e sociais vão sendo controlados por um melhor entendimento entre os responsáveis pela solução de tais problemas.

Recentemente, um acontecimento de magna importância para a população mundial ocorreu na Organização das Nações Unidas.

Referimo-nos ao Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz realizado em fins de agosto do corrente ano, em Nova York, na sede da Organização das Nações Unidas.

Jamais ocorrera no mundo um encontro de tal natureza, pelo antagonismo que sempre existiu entre os seguidores das múltiplas religiões da Terra.

Entretanto, pela feliz iniciativa de um órgão respeitável, de âmbito internacional, e especialmente pela clarividência e idealismo de alguns homens, entre os quais o Secretário-Geral da ONU e o Secretário daquele Encontro, colheram-se resultados animadores para o encaminhamento, equacionamento e solução de sérios problemas que acompanham as civilizações humanas em toda a sua história.



Sabemos, os espíritas, que o orbe em que habitamos classifica-se entre os mundos de expiações e provas, onde predomina o mal sobre o bem.

Mas é ensino da própria Doutrina dos Espíritos que tudo se submete à Lei Divina do Progresso.

Nos milênios de vivência neste Planeta, as essências espirituais que aqui aportam evoluem, mesmo que muito lentamente, através de reencarnações sucessivas.

Essa realidade tem, como conseqüência, a evolução de todo o orbe. Basta a comparação de duas épocas ou idades distanciadas para se constatar o progresso realizado.

Agora, os homens estão vivendo um tempo de transição de uma etapa para outra.

Se o mal ainda predomina entre os homens, já há sinais evidentes do avanço do Bem, do conhecimento e das virtudes.

A educação intelectual e moral-espiritual é o grande fator que impulsiona o progresso individual e coletivo.

É através dessa educação e reeducação integral que o ser vai alcançando melhores estágios evolutivos, melhor compreensão do mundo, melhor utilização de suas potencialidades – inteligência, razão, livre-arbítrio, instintos.

O progresso individual produz a evolução coletiva como conseqüência natural.

Não foi por acaso que a Revelação Espírita trouxe ao Mundo idéias e ideais que dificilmente se firmariam em outras épocas da história humana.

O exclusivismo das religiões, o atraso ou a inexistência de conhecimentos científicos anteriores à Terceira Revelação, a falta de liberdade para a exposição de idéias e fatos novos não permitiram a eclosão do Espiritismo antes da época escolhida pela Espiritualidade Superior.

A partir de meados do século XIX é que haveria condições de ser anunciado o Consolador prometido pelo Cristo. Todo o século XX foi de preparo do terreno para que as idéias espíritas possam influenciar beneficentemente os homens que estiverem preparados para recebê-las.

Agora, compete a nós, espíritas, difundir, espalhar, propagar as idéias renovadoras e consoladoras, não com objetivos proselitistas, como ainda fazem as seitas exclusivistas e equivocadas, mas visando ao conhecimento dos homens para seu auto-aperfeiçoamento espiritual.



Linhas acima, mencionamos o Encontro de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial como um fato de grande significação.

Vamos explicar por que assim entendemos.

Em primeiro lugar, pelo número dos representantes das denominações religiosas presentes.

Religiões tradicionais do Oriente e do Ocidente, contando milhões de adeptos, estavam ali representadas, ao lado de outras com menor número de seguidores.

Acreditamos que raras foram as organizações religiosas ausentes do Encontro.

Impressionantes os trajes típicos e tradicionais, a multiplicidade de línguas, de costumes e hábitos, os cumprimentos e saudações, enfim a heterogeneidade das formas de apresentação de cada grupo representativo.

Em meio a essa Babel de etnias, de línguas, de hábitos e de coloridos, podia-se perceber a fraternidade e a concórdia, mesmo diante da diversidade lingüística, substituída pelos gestos, pelos sorrisos e pela amabilidade contagiante.

Em nossa avaliação, os objetivos visados pelo Secretário-Geral do Encontro, expressos em sua carta datada de 31 de maio de 2000 ao Presidente da FEB, foram plenamente alcançados, podendo esse evento gerar conseqüências benéficas, em futuro próximo, para a Humanidade.

Esses fins foram assim resumidos na missiva:

a) que os líderes religiosos, após o encontro, assinassem uma Resolução Conjunta pela Paz, na virada do milênio, tendo em vista que o “século que está terminando foi o mais violento na história da Humanidade” e que as “diferenças étnicas e religiosas continuam a ser usadas como desculpas para a violência e os líderes religiosos podem desempenhar um papel significativo na atenuação de tais diferenças”.

b) “dar os primeiros passos visando a criação de um Conselho Internacional de Líderes Espirituais e Religiosos, um órgão permanente que funcionará como recurso para a Secretaria Geral e as Nações Unidas”.

Como se observa, os líderes espirituais e religiosos são convocados para se comprometerem a influenciar no bem-estar do mundo, combatendo a violência, em todas as suas formas, a disseminação das doenças, a miséria, a degradação do meio ambiente.

Esses problemas são geratrizes de outros muitos de um mundo atrasado, em evolução para melhor, mas que depende de grandes esforços em prol da educação não só intelectual, mas principalmente dos sentimentos, no sentido do Bem, para que possa alcançar melhor estágio.

Nas atuais circunstâncias, as religiões podem contribuir, em conjunto, para avanços progressistas, o que não conseguirão isoladamente.

Há, em todas as grandes religiões, um núcleo central de verdades e realidades que lhes é comum. Em torno desse núcleo, que compreende a existência de Deus, o Criador do Universo, e inspira a fé e as ações para o bem, poderá haver a união de todos.

“Toda crença é respeitável quando é sincera e conduz à prática do bem”, responderam os Espíritos Instrutores, quando Allan Kardec os interrogou se “toda crença é respeitável, mesmo que seja notoriamente falsa”.

O progresso é lei imutável. As forças negativas podem atrasá-lo, impedi-lo temporariamente, mas não anulá-lo indefinidamente no tempo.

Nosso mundo já tem condições de dar um largo passo no sentido da paz, da fraternidade, da concórdia, do amor entre os homens, independentemente de etnias, religiões diversas, costumes, despotismos isolados.

A Humanidade caminha para a própria regeneração, que terá de ser construída por ela mesma e, para isso, já dispõe das condições necessárias.

O Consolador trouxe ao mundo idéias que se compatibilizam com quaisquer religiões que se dediquem à melhoria moral do homem.

Os adeptos de outras religiões encontram na Doutrina Espírita instruções e explicações que auxiliam a compreensão das verdades eternas e das realidades imanentes.

A Doutrina Consoladora, ao lado dos conhecimentos variados, objetiva a transformação do homem, formando-lhe o caráter, fortalecendo-lhe os sentimentos bons no cultivo do amor a Deus e ao próximo, para que seja solidário com seu semelhante.

Esse será o homem regenerado do futuro. ●

Acorda, Homem!

MAURO PAIVA FONSECA

Reconhece-te primorosa criação de Deus – Inteligência Suprema do Universo – e respeita tua origem divina. Atende aos apelos dos missionários, irmãos nossos encarregados de trazer os fragmentos da verdade total, com a finalidade de nos libertar da escravidão dos sentidos e das trevas da ignorância.

Deixa a futilidade dos gozos e prazeres materiais, e parte resoluto em busca da ventura verdadeira que te está reservada.

Inquire a ti mesmo sobre o porquê da vida, e a consciência, guardiã implacável da nossa proibidade, te responderá que ela é eterna! Não acaba no túmulo! Que a morte é apenas a continuação da vida!

Ouve os cânticos suaves das vozes do além que nos falam, através dos mensageiros do amor, da indizível ventura das almas vitoriosas nas paragens siderais!

Jesus é o salvador; é certo: mas é a ti que caberá a tua salvação das garras da negligência, da indiferença, da rebeldia, da revolta e da inconformação. Aumenta tua sede de saber e sacode a ignorância que te cega.

Até quando ficarás surdo aos apelos do bom senso e da razão? Até quando serás vítima da insensatez consciente, invertendo os valores da vida? Quando deixarás de ser paciente da dor e do sofrimento, medicamentos dos rebeldes?

Avança compreendendo que a renúncia é atributo das almas fortes, por isso, mesmo que sejam muitas as razões que te levam a exigir teus direitos como homem do mundo, estejas sempre pronto a renunciar a eles.

Mesmo que muito dolorosas sejam as provações impostas por teus algozes, ainda assim perdoa. Os sofrimentos que esmagam o teu orgulho, ofendem a tua vaidade e ferem o teu amor-próprio, desvanecendo teus sonhos de ventura na Terra, na verdade, são oportunidades concedidas pelo Criador para que avances na senda do progresso, provando a tua origem divina, e teu desejo sincero de alcançar a bem-aventurança para que foste criado!

Quando lutas desesperadamente por coisas pequeninas como os bens materiais, os prazeres embrutecedores e animalizantes, ou a posição social elevada ante os homens, em detrimento dos verdadeiros e eternos valores do espírito, na verdade será como se estivesses trocando a resplandecente luz do Sol que te ilumina da imponência do firmamento, pela pálida chama de uma vela.

Busca vencer os teus reais inimigos, ocultos disfarçada e sorateiramente no teu íntimo; eles são as chagas da alma a que fechamos os olhos, acobertando-nos em um desculpismo vicioso, que impede enxergarmos nossa realidade moral. Eles se identificam no personalismo, que nos faz tão insensíveis; na vaidade que sempre procura colocar-nos num pedestal imerecido; no egoísmo que nos faz cegos e surdos às necessidades, dores e sofrimentos dos que nos cercam; nos espinhos da insatisfação cravados em nosso coração pela própria insânia.

Levanta-te do marasmo, sacode a preguiça e abraça Jesus através de Seus ensinamentos libertadores, trazidos até nós à custa de uma crucificação impiedosa e sofrida. Segue-O; Ele é a luz do mundo; o Caminho, a Verdade e a Vida!

O Futuro Só a Nós Pertence

RICARDO DI BERNARDI

1

Ao divisarmos, em horizonte próximo, o alvorecer do terceiro milênio temos consciência de que estamos nos despedindo da noite escura do religiosismo cego e dogmático. De fato, ansiamos por contemplar, sob a luz de um sol amoroso e racional, o céu azul do bom senso livre das obscuras nuvens do fanatismo.

Enfim se avizinha o milênio no qual não mais erigiremos totens aos deuses ou Espíritos mas sentiremos o “Deus em Nós” como disse o grande mestre Jesus. A grande procura da Verdade Externa deverá ser substituída pela percepção da Luz que pulsa no inconsciente puro de todos nós.

A visão estreita do criacionismo cederá à compreensão do evolucionismo espiritualista ou neo-evolucionismo.

O destino e a responsabilidade dos seres deixarão de ser atribuídos a Deus para ser assumidos pelos próprios indivíduos. A concepção medieval do religiosismo institucionalizado, que grassa qual erva daninha nos canteiros da nossa morada planetária, cederá lugar à religiosidade sem cultos externos mas expressa no amor universal.

Na história do nosso planeta, muitos emissários do Alto renasceram em períodos críticos, ou momentos especialmente favoráveis, com o fito de impulsionar a evolução do nosso orbe. Comunidades inteiras também foram deslocadas para o nosso globo vindas de outros astros e até de outras constelações, procurando acelerar o processo evolutivo terráqueo. Vieram conviver conosco, contribuindo para que pudéssemos galgar novos degraus na escada do progresso. Anjos espirituais, ou simplesmente amigos mais sábios e bondosos, tais como Emmanuel, assim se referem à civilização egípcia primitiva e à judaica, bem como aos arianos e hindus de épocas remotas.

Os povos citados, apesar de estarem aqui renascendo como degredados planetários, ou “expulsos de um paraíso”, cumpriram em nosso meio tarefa missionária, qual seja a de sacudir os terráqueos da sonolenta caminhada na estrada do progresso.

Sob a orientação sábia e amorosa do Cristo, Entidade responsável pelo nosso planeta, continuaram a aportar na Terra, periodicamente ao longo da história, grupos de Espíritos que se localizaram em determinadas regiões (ou países), formando bases sólidas em terrenos propícios para edificar a construção de sociedades mais justas e sábias no contexto de nossa humanidade terrestre.

O projeto “divino” do crescimento rumo à sabedoria e à felicidade é amplo, visa a atingir todas as criaturas. Não há “povo eleito” (ou nação privilegiada), todos que assim se consideraram ruíram fragorosamente. O grande Mestre, quando aqui esteve vestindo a roupa física do filho de José e Maria, nos dizia: “Nenhuma das ovelhas se perderá.”

Cidades populosas do globo receberam, então, pelas vias da reencarnação, inúmeros homens cultos e generosos. Filósofos, artistas e outros iluminados procuraram despertar a sensibilidade humana em todos os recantos de nossa morada terrestre.

Brilhantes mestres do cérebro e do coração criaram, assim, diversas escolas na Grécia antiga assumindo o leme intelectual do barco terreno. A Verdade Universal, que não tem conotação religiosa sectária, foi pregada às multidões. A partir das terras helênicas foi novamente despertada a cultura, a democracia, e

os diversos valores da vida harmoniosa e fraterna foram cantados em prosa e verso. A Grécia antiga era, na época, a esperança de renovação da consciência planetária. Inúmeras verdades foram semeadas por Sócrates e outros plantadores do verbo divino do amor e da sabedoria.

No entanto, faltaram braços para as colheitas sucessivas e os frutos luminosos acabaram por se perder.

Séculos mais tarde...

A família romana ergue-se cheia de tradições belas, como o respeito à figura da mulher e a compreensão dos deveres do homem. Aprimoram-se os vínculos familiares e os conceitos de virtude em relação à própria Grécia.

Institui-se a liberdade religiosa, sendo o Panteão o exemplo clássico da tolerância; no seu templo chegam a existir estátuas de trinta mil deuses diferentes.

Patrícios e plebeus após agitadas desavenças conseguem equilibrar-se no respeito mútuo em leis que expressavam avanço na área dos direitos humanos. A Lei Canuléia passa a permitir casamentos entre patrícios e plebeus. A harmonia se desenvolve chegando até à Lei Ogúlnia que possibilitaria aos plebeus, também, exercerem funções sacerdotais.

2

As falanges de luz, em todas as épocas da história, exerceram intenso trabalho junto a comunidades e povos visando a implantar, em inúmeros projetos, núcleos de paz, harmonia, justiça e sabedoria.

Voltemos os olhos para o Egito atual. Há neste respeitável país muito pouco do brilho proveniente da luz intelectual e moral do seu passado que assombrou a Humanidade.

A saudosa Grécia de Péricles, que teve em Sócrates seu expoente maior, hoje se nivela a inúmeros países do nosso globo.

Nossa querida Roma de tempos remotos também se desviou do planejamento elevado que os Espíritos de luz lhe ensinaram. Da administração enérgica, plena de sabedoria e justiça, a antiga água cristalina esvaiu-se na sede do poder e poluiu-se na corrupção mais vil. O Panteão democrático cedeu lugar à Inquisição, de triste memória.

“Brasil, coração do mundo e pátria do evangelho”, mais uma das tentativas em se estabelecer um núcleo de fraternidade, tolerância, amor e sabedoria. Diz o adágio popular: “O destino só a Deus pertence.” Pobre ilusão! Se o destino só a Deus pertencesse, com certeza não haveria estupros, torturas, crimes hediondos ou suicídios.

É preciso que acordemos do sono medieval no qual ainda vemos Deus como um ser emocional passível de ser agrado ou desagradado por atos humanos. Deus é imutável! A Força Universal ou o Amor Onipresente não se entristece nem se alegra, não pune nem premia. Seus atributos de onipresença e imutabilidade não interferem nos atos humanos, regidos pela lei de causa e efeito.

O destino só a nós pertence. Faremos do Brasil aquilo que nosso livre-arbítrio quiser. Já se faz hora de não transferirmos para Deus nem para os Espíritos o destino nem do país nem de nós mesmos individualmente.

As emanações de luz sobre todos nós são contínuas. São inúmeros os mensageiros do amor e da sabedoria que renascem em nossas terras propagando a paz e estimulando o exercício saudável da razão.

Tomemos cuidado para não infantilizarmos conceitos maiores, acreditando-nos melhores do que nossos vizinhos de fronteira ou de outros continentes. Qualquer olhadela mais lúcida e atenta aos jornais demonstra que por aqui não são raros os desvios graves em todos os sentidos do bom senso e da ética uni-

versal.

Projetos são projetos, não são ainda fatos.

Abandonemos qualquer idéia que nos recorde, mesmo que de longe, a concepção absurda de povo eleito ou terra santa.

Na matemática do destino é preciso somar trabalho e bom senso sem subtrair as percepções da realidade, evitando divisões desnecessárias para multiplicar os resultados na tabuada do amor. ●

O Sinédrio e a Igreja do Caminho

SEVERINO BARBOSA

A palavra Sinédrio é de origem grega – *synedrion*. Significa assembléia, sessão, conselho, junta, senado.

Segundo os especialistas em cultura hebraica, à época do Cristo havia em Jerusalém dois desses conselhos: o Sinédrio Maior formado por 71 membros e o Sinédrio Menor composto de 23 escribas e anciãos.

O Sinédrio Maior, uma espécie de Tribunal Superior, era presidido por dois rabinos de alta estirpe, ou sábios doutores da Lei, e cuidava especificamente dos assuntos religiosos.

O Sinédrio Menor era, no dizer dos estudiosos, uma instituição executiva e judicial, sob a chefia de um Sumo-Sacerdote, e tinha por finalidade exercer o poder civil. Cabia-lhe julgar as questões de natureza criminal e administrativa das comunidades judaicas.

A conclusão é que, embora tenham sido dois conselhos separados e com funções diferentes, um exercia forte influência sobre o outro.

Segundo as tradições judaicas, para ser membro do Sinédrio era necessário ser Doutor da Lei, isto é, conhecer com profundidade o Antigo Testamento, especialmente a Lei e os Livros dos Profetas. A Lei compreendia o Torá ou a Torá, ou seja, os cinco livros de Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Os profetas, com seus ensinamentos morais e suas profecias.

Além de possuir o título de Doutor da Lei, o candidato teria, como exigência ou requisito complementar, que demonstrar uma coerente interpretação e bom senso na aplicação da Lei de Moisés às diversas situações da vida política, econômica, religiosa e social do povo judeu. De modo que compor o conselho do Sinédrio era honra suprema para o candidato e sua família. Teria que reunir talento, sabedoria e extrema fidelidade à Lei.

O Sinédrio era o grande Tribunal dos Judeus. Em suas assembléias, compostas dos mais ilustres rabinos, debatiam-se e resolviam-se as mais intrincadas questões políticas e religiosas. Na base de todas as suas decisões estava o Torá, ou seja, as Leis de Moisés.

De acordo com os estudiosos da cultura judaica, os governantes do povo de Israel eram líderes religiosos. A sua forma de governo – a Teocracia – consistia em que a autoridade do governante vinha diretamente de Deus, ou mais propriamente de Javé ou Jeová, o Deus dos Hebreus.

Consoante informações contidas nos Evangelhos, Jesus despertou profunda aversão ao Sinédrio, porque se negou a aceitar a doutrina e o culto exterior do Judaísmo, bem como deu à Lei de Moisés uma interpretação toda cristã e fez-lhe profundas modificações.

Os rabinos, autoridades representativas do Judaísmo, indignados, sentindo-se até mesmo desmoralizados perante as demais seitas existentes à época, tramaram contra o Cristo, dando-lhe a alcunha de “O Rei dos Judeus” e tacharam-no de perigoso conspirador político.

Com tal acusação, formalizada em processo volumoso que tramitou pelo Sinédrio Maior, alguns rabinos, com habilidade maliciosa, conseguiram transformar o motivo da acusação: de religioso para político. E assim, encaminharam o

Messias para Pôncio Pilatos, Procurador romano na Judéia, que, egoística e covardemente, sentenciou-O ao suplício da cruz. Os judeus, receosos, não quiseram manchar as mãos. Transferiram a responsabilidade do julgamento e condenação para o representante de César.

Diante desse fato, pode-se dizer que, historicamente, o Sinédrio ficou conhecido como o Tribunal da Inquisição do Judaísmo. Perseguiu os cristãos primitivos, sob a acusação de que desrespeitavam as Leis de Moisés.

A Inquisição Judaica, a cargo do Sinédrio Maior, cuidava especialmente das questões religiosas. Condenou muitos seguidores do Cristianismo ao suplício até a morte, através da lapidação (apedrejamento), do fogo, da espada ou da estrangulação. Eram estes os quatro gêneros de penas de morte determinados pelas Leis de Moisés.

Ao mesmo tempo em que o maior e mais influente tribunal dos judeus exercia suas atividades, com direito de fiscalizar e perseguir seitas e outros movimentos religiosos da época, fundava-se em Jerusalém a Igreja do Caminho.

A palavra *caminho* tem uma origem: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai senão por mim.” Consta do Evangelho.

O CAMINHO ERA JESUS.

Inicialmente, os apóstolos deram àquela primitiva organização cristã a denominação de “Casa do Caminho”, ou seja: a Casa ou a Igreja de Jesus.

A Igreja ou Casa do Caminho foi planejada no mundo espiritual. Depois, fundada pelos apóstolos. Sua finalidade principal era a divulgação do Evangelho. Sob a administração dos seguidores fiéis do Cristo, cuidava dos enfermos da alma e do corpo. Em dias predeterminados, exercia as atividades de doutrinação aos Espíritos perturbados e aos obsidiados, aplicação de passes e fluidificação de água, doutrinações evangélicas para o público, abrigo para velhos e crianças desamparados. Em seu recinto, realizaram-se históricas assembléias com as presenças de Estêvão, Paulo, Silas, Timóteo, Tiago, André, Pedro e outros vultos do Cristianismo primitivo, todos com o objetivo de acertarem os rumos da Boa Nova do Evangelho.

Contudo, enquanto por um lado a Igreja do Caminho era perseguida e desprezada pelos judeus fanáticos, por outro lado era amada e respeitada pelos aflitos que dela recebiam assistência material, conforto espiritual e orientação moral.

Todavia, ao lado dos judeus apaixonados pela Lei de Moisés, destacava-se a venerável figura do sábio rabino Gamaliel. Era membro do Sinédrio. Orientador espiritual de Saulo de Tarso (antes de se converter ao Cristianismo), destacava-se dos demais colegas pelo seu caráter sóbrio. Simpatizante sincero da causa cristã, na velhice ele se converteu ao Cristianismo.

Conta-nos o Espírito Emmanuel, no livro “Paulo e Estêvão” (ed. FEB), que o rabino Gamaliel fora convidado por Pedro para visitar a Igreja do Caminho. Aceitou o convite com imensa satisfação. O apóstolo deu-lhe de presente o Evangelho de Mateus, escrito em pergaminho, recomendando-lhe que apreciasse a personalidade de Jesus e seus divinos ensinamentos. O visitante e representante do Judaísmo agradeceu-lhe gentilmente.

O sábio e ponderado Gamaliel, que jamais vira trabalho tão nobre de assistência aos desprotegidos da sociedade judaica, ficou vivamente comovido e impressionado com as atividades realizadas pelos abnegados servidores do Cristo.

Enaltecendo as realizações cristãs na humilde Igreja ou Casa do Caminho,

vejamos o que diz o Espírito Emmanuel na mesma obra já citada, pelo lápis mediúnico de Francisco Cândido Xavier (pág. 125):

“O Mestre afirmara-se emissário para todos os desalentados e doentes. E estes já conheciam a igreja humilde de Jerusalém, iluminando-se com a palavra de vida e de verdade. Os enfermos, os desiludidos da sorte, os desprotegidos do mundo, os tristes, iam-lhe ao encontro para o esclarecimento consolador. Era de ver-se como se rejubilavam na dor, quando se lhes falava da claridade eterna da ressurreição. Velinhos trêmulos abriam os olhos desmesuradamente, como se contemplassem novos horizontes de imprevistas esperanças. Criaturas cansadas da luta terrestre sorriam venturosas, quando, em ouvindo a Boa Nova, compreendiam que a existência amargurada não era tudo. Pedro observava os sofredores que Jesus tanto amara e experimentava novas forças.”

Realmente!

A Igreja do Caminho era o oásis que renovava as forças morais e espirituais dos sofredores de Jerusalém. ●

Na Construção da Paz

Documento remetido por Nestor João Masotti, Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional, ao Sr. Bawa Jain, Secretário-Geral do Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial (The Millennium World Peace Summit), realizado pela ONU em Nova York, de 28 a 31 de agosto de 2000.

“Não basta se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume as proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se a aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freio e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.”

Este comentário de Allan Kardec à questão 685 de “O Livro dos Espíritos”, de sua autoria, livro básico da Doutrina Espírita, sintetiza a forma pela qual entendemos que se possa contribuir eficazmente para a construção da paz em nosso mundo.

Garantindo o atendimento às necessidades básicas de todos, dentro do direito fundamental do homem que é o de viver, e garantindo, também, uma educação moral adequada, formadora de bons hábitos, a sociedade humana deverá oferecer aos seres que a integram a oportunidade de um crescimento natural e abrangente – físico, psíquico, moral e espiritual –, compatível com a Lei de Progresso a que todos estamos sujeitos. Com isto, essa sociedade se valoriza e constrói, em si mesma, as bases de uma segurança maior e de uma paz mais duradoura.

Valorizando e fortalecendo a família como célula básica da sociedade; demonstrando amor à criança e amparando-a em todos os sentidos, desde a sua concepção; favorecendo ao homem uma adequada compreensão da própria existência, que atenda às suas inquietações e lhe dê sentido à vida; e banindo o hábito da cultura da violência, os segmentos mais responsáveis pela sociedade – governo, religiões, órgãos não governamentais e empresas –, unidos nesta ação, estarão dando um exemplo de solidariedade real que acabará sendo absorvido e cultivado por todos os homens, os quais, por sua vez, responderão com um comportamento solidário, capaz de construir a paz social.

Este é, a nosso ver, um trabalho em torno do qual as doutrinas religiosas podem se unir, uma vez que, na essência, têm esses objetivos e, também, pon-

tos em comum: a) a convicção da existência de um Ser supremo, Criador de todas as coisas; b) a convicção de que o homem tem em si um princípio espiritual que sobrevive à sua morte física, assegurando-lhe uma vida futura; c) a convicção de uma postura moral assentada, basicamente, no princípio de que devemos fazer aos outros o que queremos que os outros nos façam.

Unindo esforços nesse trabalho que visa à educação moral e espiritual do ser humano através da formação de novos e melhores hábitos marcados pelo respeito recíproco, e compreendendo que a paz não decorre do fato de todos terem que pensar e agir de forma absolutamente igual, mas sim do fato de se cultivar o respeito e o convívio fraterno e solidário com nossos semelhantes, cujo pensamento, cultura e entendimento da vida são diferentes dos nossos, estaremos, realmente, contribuindo para um salto de qualidade no relacionamento humano e lançando as bases de uma nova era de paz e progresso para a Humanidade.

Será fundamental, nesse trabalho de educação para a formação de novos hábitos, destacar o aspecto espiritual da vida, cuja comprovação a própria ciência vem confirmando, uma vez que a causa maior da violência, que se observa no mundo, está mais vinculada à miséria moral, à falta de uma melhor compreensão espiritual da vida, do que propriamente à situação econômica ou social do ser humano.

O Espiritismo vem contribuindo para tão nobre tarefa, quer trazendo conceitos novos e esclarecedores a respeito de Deus, do Universo, dos Homens, dos Espíritos e das Leis que regem a vida e propiciando uma melhor compreensão do que somos, de onde viemos, para onde vamos, qual o objetivo da nossa existência e qual a razão da dor e do sofrimento, quer, também, executando um trabalho permanente de assistência e promoção social, que procura atender o ser humano em suas necessidades materiais, morais e espirituais.

Constituindo-se a Doutrina Espírita em um conjunto de princípios e leis contidos nas obras básicas de Allan Kardec e revelados por Espíritos Superiores, destacamos seus pontos fundamentais:

- Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.
- O Universo, abrangendo os mundos materiais e espirituais.
- O Homem, como espírito imortal encarnado, preexistente e sobrevivente à existência física, em constante evolução. (“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.”)
- A intervenção dos Espíritos no mundo corporal.
- O conhecimento das Leis Divinas ou Naturais, unindo a ciência à religião. (“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.”)
- A moral baseada nas Leis que emanam de Deus, nosso Pai e Criador, que Jesus exemplificou e sintetizou no mandamento “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, colocando a prática da caridade, no seu sentido mais abrangente, como a solução para os problemas humanos. (“Fora da caridade não há salvação.”)

O Espiritismo respeita todas as religiões, valoriza todos os esforços para a prática do bem e trabalha pela confraternização e pela paz entre os povos e entre os homens, independentemente de sua raça, cor, nacionalidade, crença, nível cultural ou social. E reconhece que “o verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza”.

Analisando os problemas do mundo, Bezerra de Menezes, abnegado

apóstolo do Espiritismo, observa no livro “O Espírito da Verdade”, de Francisco C. Xavier, cap. 1, ed. FEB:

“O mundo está repleto de ouro.

Ouro no solo. Ouro no mar. Ouro nos cofres.

Mas o ouro não resolve o problema da miséria.

O mundo está repleto de espaço.

Espaço nos continentes. Espaço nas cidades. Espaço nos campos.

Mas o espaço não resolve o problema da cobiça.

O mundo está repleto de cultura.

Cultura no ensino. Cultura na técnica. Cultura na opinião.

Mas a cultura da inteligência não resolve o problema do egoísmo.

O mundo está repleto de teorias.

Teorias na ciência. Teorias nas escolas filosóficas. Teorias nas religiões.

Mas as teorias não resolvem o problema do desespero.

O mundo está repleto de organizações.

Organizações administrativas. Organizações econômicas. Organizações sociais.

Mas as organizações não resolvem o problema do crime.

Para extinguir a chaga da ignorância, que acalenta a miséria; para dissipar a sombra da cobiça, que gera a ilusão; para exterminar o monstro do egoísmo, que promove a guerra; para anular o verme do desespero, que promove a loucura, e para remover o charco do crime, que carrega o infortúnio, o único remédio eficiente é o Evangelho de Jesus no coração humano. (...)”

Como expressão da Lei maior que emana de nosso Pai e Criador, que é a Lei de Amor.

Creemos, assim, que há um claro caminho a seguir para a construção da paz em nosso mundo, caracterizado pela educação moral e espiritual formadora de novos hábitos, e que reclamará dos homens mais responsáveis um longo e perseverante trabalho, marcado pela dedicação e pela abnegação.

Diante de tão magno trabalho que se faz necessário realizar, louvamos o propósito dos organizadores desse Encontro no sentido de promover a criação de um Conselho Internacional permanente, que servirá de espaço para a união e o trabalho de todos os interessados em colaborar com sua experiência e sua ação nessa nobre tarefa. Esse Conselho, assim constituído, deverá contribuir de forma eficaz com a Secretaria Geral da ONU, em seus esforços para construção de uma paz duradoura na Terra.

A criação do Homem, do Universo, de tudo o que nele existe e das Leis que o regem é, sem dúvida, uma manifestação de Amor do Ser que nos criou e ao qual tudo devemos, seja qual for o nome que utilizemos para designá-Lo. Que saibamos seguir suas Leis, construindo em nós o hábito de amarmo-nos uns aos outros, pois só assim conseguiremos, realmente, edificar um Mundo de Paz

Nestor João Masotti

Secretário-Geral do Conselho Espírita Internacional ●

Anjos da Paz

Ó luminosas formas alvadias
Que desceis dos espaços constelados
Para lenir a dor dos desgraçados
Que sofrem nas terrenas gemonias!

Vindes de ignotas luzes erradias,
De lindos firmamentos estrelados,
Céus distantes que vemos, dominados
De esperanças, anseios e alegrias.

Anjos da Paz, radiosas formas claras,
Doces visões de etéricos carraras
De que o espaço fúlgido se estrela!...

Clarificai as noites mais escuras
Que pesam sobre a terra de amarguras,
Com a alvorada da Paz, ditosa e bela...

Cruz e Souza

(Do livro "Parnaso de Além-Túmulo", psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, p. 233, 14. ed., FEB.)

A Paz vem de Deus

Documento remetido pelo tribuno e médium Divaldo Pereira Franco ao Sr. Bawa Jain, Secretário-Geral do Encontro de Cúpula Mundial de Líderes Religiosos e Espirituais pela Paz Mundial.

Herança do primarismo, que ainda predomina em a natureza humana, a guerra é vestígio de barbárie que necessita ser extirpada da Terra.

Quando acossado, esfaimado ou atormentado pelo cio, que lhe faculta a procriação, o animal ataca e mata.

O ser humano, no entanto, preservando essa herança ancestral, também se faz agressor do seu irmão, vitimado por fatores de profunda perturbação emocional, mental, social, econômica, religiosa, étnica, cultural, demonstrando que ainda não se identificou com Deus, ou se O conhece, o seu relacionamento é superficial ou fanático, não lhe havendo permitido uma perfeita sintonia com a paz que dEle se irradia, e que deve estender-se por todo o mundo.

A paz é resultado da Lei natural – o amor – que vige em toda parte no Universo.

Quando o sentimento de amor, que se encontra na base e na estrutura de todas as Doutrinas religiosas, se apossa dos sentimentos humanos, espalha-se e dirige todas as formas de comportamento, gerando saudável intercâmbio entre as criaturas, que se ajudam reciprocamente, contribuindo para a felicidade umas das outras, evitando qualquer tipo de relacionamento agressivo ou belicoso.

No entanto, porque o desenvolvimento intelectual do ser humano não se fez acompanhado daquele de ordem moral, homens e mulheres, grupos sociais e Nações ainda não conseguiram libertar-se da constrição do ego, que se lhes torna verdadeiro algoz, propelindo-os para a alucinação preconceituosa de falsa superioridade, que se destaca na conduta social, religiosa, econômica, racial, patriótica e espiritual, impulsionando essas suas vítimas – do egotismo – na direção das calamidades destrutivas, quais as perseguições inclementes que culminam nas guerras hediondas.

Esse egoísmo avassalador é responsável pelo nascimento e crescimento do poder impiedoso que se apresenta na economia pessoal, nacional e internacional, fomentando a miséria de outros indivíduos e povos que lhe jazem sob o domínio insensato e perverso.

Enquanto acumula fortunas incalculáveis, que somente podem ser mensuradas através de equipamentos de tecnologia avançada, centenas de milhões de outros indivíduos estorcegam na miséria, sem a menor dignidade humana, experimentando a fome, a desolação, as doenças pandêmicas e dilaceradoras variadas e a promiscuidade de toda natureza, havendo perdido, inclusive, o direito de existir... Esses bolsões de miséria econômica, que proliferam mesmo nos países supercivilizados, constituem cânceres em desenvolvimento no organismo social, que terminam por degenerar, mais cedo ou mais tarde, a sociedade como um todo, ameaçando a própria vida inteligente na Terra.

Isto porque, os seus gritos de dor e de angústia, mesmo que abafados pelo estardalhaço das paixões desgovernadas naqueles que os oprimem, terminam por alcançar-lhes os ouvidos da alma, atormentando-os e produzindo neles a consciência de culpa, pela responsabilidade que lhes diz respeito nesse clamor resultante do desespero que envolve o planeta em que habitamos.

Ninguém pode ser feliz a sós, ou apenas no seu grupo de fantasia e prazer, porquanto, embora a fortuna em que se refestela, não se pode evadir da presença interna de Deus, exteriorizando-se como libertação da anestesia do desinteresse pelo próximo; das enfermidades, que fazem parte do programa existencial

do ser biológico e se encontram ínsitas na fragilidade orgânica; dos conflitos de natureza psicológica; dos desvios do comportamento mental; da solidão; da frustração e da falta de objetivo existencial, que se faz reconhecido como um vazio interior.

O ser humano foi criado por Deus para a glória estelar. Transitando pelas paisagens terrestres, onde desenvolve as potencialidades interiores que são herança divina nele insculpidas, tem por missão melhorar o mundo, que lhe serve de escola, promovê-lo, intercambiar valores morais, culturais, artísticos, tecnológicos e espirituais, trabalhando para a aquisição da paz interna e da plenitude, que deverá espalhar em volta dos passos, propiciando-as a todos que o seguem na retaguarda.

A Humanidade cresce, etapa a etapa, em razão das conquistas ancestrais, que passam de uma a outra geração, sempre enriquecidas pelas experiências de engrandecimento e de sabedoria. Nesse ministério incessante, muitos homens e mulheres se permitem sacrificar: uns na abnegação, outros na pesquisa incessante, outros mais em holocaustos pelos ideais que esposam e são prematuros, portanto, inaceitáveis nos seus dias, abrindo espaços para a sua implantação no futuro... De Sócrates, incompreendido e sacrificado, a Jesus-Cristo, perseguido e assassinado, a Gandhi, a Marthin Luther King Junior, vitimados pela loucura da perversidade, disfarçada de preconceitos e hediondez, o fenômeno criminoso se repete, ameaçando as estruturas sociais e culturais, em vãs tentativas de impedir que sejam eliminados o sofrimento e a desgraça social e econômica na Terra. Assim mesmo, lentamente embora, as criaturas vêm crescendo espiritualmente e aprendendo a respeitar o pensamento e a ação dos missionários do Bem e do Amor, que se convertem em vexilários da paz e fraternidade entre os povos, promovendo as criaturas humanas individualmente e a sociedade como um todo.

Dessa forma, quando todos os religiosos se unirem nos fundamentos essenciais das suas diversas Doutrinas – Deus, imortalidade da alma, justiça divina, amor, fraternidade, perdão e caridade em relação ao seu próximo – esquecendo as pequenas diferenças, que decorrem das interpretações e exegeses, haverá o desarmamento interior dos indivíduos e, conseqüentemente, o entrosamento de todos, dando surgimento a um só bloco de seres humanos, harmônico e compacto, materializando o ensinamento de Jesus: *Um só rebanho e um só Pastor*, que será Deus, não importando o nome que se Lhe atribua, ou a forma sob a qual seja venerado.

Para que esse desiderato se faça alcançado, torna-se urgente a erradicação da miséria moral e as suas conseqüências imediatas: a social, a econômica, que vitimam e enlouquecem quase três quartas partes da Humanidade.

Os governos compreenderão, por fim, que se torna uma necessidade de emergência a elaboração de programas de salvação, como a educação, a saúde, o saneamento de regiões infestadas, o trabalho digno, sem a utilização de mão-de-obra escrava, a recreação e os cuidados especiais com a criança, trabalhando-a moralmente, como medida preventiva, para que se evite o surgimento no futuro de cidadãos perversos e vingadores. Porquanto, tudo aquilo que a sociedade no momento negar aos seus coevos, eles o tomarão logo possam pela violência, quando as circunstâncias lhes permitirem.

Educar, portanto, as novas gerações, dignificando-as, é terapia moral que prevenirá o porvir das calamidades que hoje assolam as ruas das pequenas e grandes cidades do mundo, das aldeias ou das megalópoles que se tornam, a cada dia, mais vítimas de insuportáveis agressividades e violências, transformadas como se encontram em palcos de guerras urbanas, embora vicejando a paz...

Por outro lado, o trabalho de conscientização política dignificadora, que os religiosos do mundo poderão empreender, evitará que personalidades psicopatas e extravagantes, portadoras de programas de extermínio e de crueldade, se apossem do poder e repitam as tragédias de canibalismo, de genocídio, de vandalismo, de guerras cruéis e ininterruptas, conforme vêm acontecendo.

O indivíduo religioso e espiritual tem o dever de descobrir que a sua vida somente tem um sentido: servir à Humanidade. E nesse mister, é convidado a empenhar-se para alterar o contexto da sociedade em que vive, mesmo que lhe seja necessário o sacrifício como forma de extirpar do mundo o crime, as agressões, o fanatismo de qualquer expressão, fomentadores das pequenas e grandes guerras que espocam diariamente em toda parte.

As tensões sociais e humanas, conseqüentemente, desaparecerão quando as criaturas se desarmarem e se amarem, se derem as mãos e intercambiarem os sentimentos de solidariedade e de amor, porquanto essa é a recomendação de Krishna, de Moisés, de Buda, de Lao-Tseu, de Jesus-Cristo, de Mahomé, de Lutero, de Allan Kardec, de Baha-ú-la e de todos aqueles que trouxeram para a Humanidade a Mensagem libertadora do PAI CRIADOR, em favor de todos os Seus filhos, portanto, irmãos entre si.

Com esse propósito no imo dos sentimentos e da mente racional e lúcida, desaparecerão os focos de atritos, de paixões religiosas, de dominações políticas arbitrárias, de perseguições de todo jaez, e a paz lentamente estenderá o seu psiquismo de harmonia nos indivíduos, nos grupos sociais, nos povos e em todas as Nações da Terra.

Salvador, Bahia, Brasil, 10 de julho de 2000.

Divaldo Pereira Franco

Esflorando o Evangelho - Emmanuel

Aproveita

“Se alguém diz: – eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama o seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?”

(1 João, 4:20.)

A vida é processo de crescimento da alma ao encontro da Grandeza Divina.

Aproveita as lutas e dificuldades da senda para a expansão de ti mesmo, dilatando o teu círculo de relações e de ação.

Aprendamos para esclarecer.

Entesouremos para ajudar.

Engrandeçamo-nos para proteger.

Eduquemo-nos para servir.

Com o ato de fazer e dar alguma coisa, a alma se estende sempre mais além...

Guardando a bênção recebida para si somente, o espírito, muitas vezes, apenas se adorna, mas, espalhando a riqueza de que é portador, cresce constantemente.

Na prestação de serviço aos semelhantes, incorpora-se, naturalmente, ao coro das alegrias que provoca.

No ensinamento ao aprendiz, liga-se aos benefícios da lição.

Na criação das boas obras, no trabalho, na virtude ou na arte, vive no progresso, na santificação ou na beleza com que a experiência individual e coletiva se alarga e aperfeiçoa.

Na distribuição de pensamentos sadios e elevados, converte-se em fonte viva de graça e contentamento para todos.

No concurso espontâneo, dentro do ministério do bem, une-se à prosperidade comum.

Dá, pois, de ti mesmo, de tuas forças e recursos, agindo sem cessar, na instituição de valores novos, auxiliando os outros, a benefício de ti mesmo.

O mundo é caminho vasto de evolução e aprimoramento, onde transitam, ao teu lado, a ignorância e a fraqueza.

Aproveita a gloriosa oportunidade de expansão que a esfera física te confere e ajuda a quem passa, sem cogitar de pagamento de qualquer natureza.

O próximo é a nossa ponte de ligação com Deus.

Se buscas o Pai, ajuda ao teu irmão, amparando-vos reciprocamente, porque, segundo a palavra iluminada do evangelista, “se alguém diz: – eu amo a Deus, e aborrece o semelhante, é mentiroso, pois quem não ama o companheiro com quem convive, como pode amar a Deus, a quem ainda não conhece?”

(Do livro “Fonte Viva”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, cap. 71, p. 167-168, 24. ed. FEB.)

Vontade: Ferramenta da Evolução

A. MERCI SPADA BORGES

Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuida que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem. Amém. (João, 21:25.)

Jesus não perdia a menor oportunidade para ensinar; qualquer situação, qualquer momento, aparentemente insignificante, suscitava para Ele lições de extremada importância para a Humanidade. O tempo urgia, não podia tergiversar. Cada momento tinha o seu valor.

Uma dentre tantas lições de profundidade moral merece destaque especial (Marcos, 11:12 a 14; 19 a 26.):

“E no dia seguinte, quando saíram de Betânia teve fome. E vindo de longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa: e chegando a ela não achou senão folhas, porque não era tempo de figos.

E Jesus falando, disse à figueira: nunca mais coma alguém fruto de ti. E os seus discípulos ouviram isto. (...)

E sendo já tarde saiu fora da cidade. E eles, passando pela manhã, viram que a figueira se tinha secado desde as raízes. E Pedro, lembrando-se, disse-lhe: Mestre, eis que a figueira que tu amaldiçoaste secou. E Jesus, respondendo, disse-lhe: Tende fé em Deus; Porque, em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: Ergue-te e lança-te ao mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhes será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis; E, quando estiverdes orando, perdoai, se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas; Mas, se vós não perdoardes, também vosso Pai, que está nos céus, vos não perdoará as vossas ofensas.”

É interessante observar que, nessa belíssima passagem evangélica, de profunda significação, Pedro não compreendeu de imediato a lição do Mestre, ele sentiu apenas o que seus sentidos registraram, e assim entendeu a atitude de Jesus como se fosse uma maldição.

O divino Amigo, todavia, não tinha tempo a perder, não tentou sequer justificar-se. Ele, a personificação do Amor, jamais prejudicaria quem quer que fosse; quanto mais uma inofensiva árvore, por não ter frutos fora de época. Ele tinha conhecimento de todas as leis da Natureza e em instante algum as transgrediria.

A atitude de Jesus descortinou, como em tantos outros momentos, a sabedoria do Grande Mestre: demonstrar na prática o poder que o homem carrega dentro de si; poder esse que, usado à revelia, pode causar malefícios irreversíveis não só contra a Natureza, mas também contra si e os semelhantes.

(Sabe-se hoje, através de estudos e também pela revelação dos Espíritos, o poder que o pensamento armazena e se expressa pelas palavras. E, de acordo com a emoção, o vigor veiculado, emite jatos de energia magnética na direção do sujeito ou objeto focalizado.)

Primeiro a lição prática: Jesus usou a vontade, através das palavras, para secar a figueira. Deu um tempo suficiente e retornou para completar a lição por meio da teoria.

É então que ressalta o poder da palavra quando pronunciada com **fé** soma-

da ao poder da **oração**: *“Tende fé em Deus (...), tudo que pedirdes orando crede que o recebereis e tê-lo-eis...”*

Mas não deixa de alertar sobre a importância do **perdão**: *“(...) e quando estiverdes orando perdoai se tendes alguma coisa contra alguém, para que vosso Pai que está nos céus vos perdoe as vossas ofensas.”*

Neste alerta está nitidamente expressa a força poderosa da Vontade. Jesus usou-a. Os homens podem também usá-la. A tarefa que aguardava os Seus discípulos exigia um grande esforço interior, muita vontade, e bem dirigida, para prosseguirem até o fim.

Logo em seguida, completando o alerta, o Mestre conclui: *“(...) mas se vós não perdoardes, também vosso Pai que está nos céus vos não perdoará as vossas ofensas.”*

Nessa conclusão, Jesus esclarece que os atos oriundos de qualquer ofensa não serão perdoados. Portanto, cada ação é da responsabilidade de seu autor perante as divinas leis.

O Homem encarnado, em sua tríplice composição – corpo, perispírito, Espírito –, ainda desconhece o potente manancial fluídico que possui. Assim sendo usa-o às cegas, como a criança que não avalia o perigo que representam certos elementos e objetos nas próprias mãos.

O perispírito, corpo fluídico do Espírito, está intimamente ligado ao corpo físico e ao Espírito; assim sendo, conduz o pensamento que se exterioriza sob o comando poderoso e autoritário da vontade.

A atividade constante, dinâmica, ininterrupta do pensamento, sob esse comando, age vigorosamente sobre a atmosfera do ambiente em que atua; sobre as pessoas com as quais convive; sobre o próprio corpo espiritual que por sua vez reflete no corpo físico e no Espírito. A reação se apresenta de acordo com a qualidade da emissão – boa ou má, superior ou inferior, construtiva ou destrutiva, viciosa ou edificante – que será multiplicada pelo tipo de companhia espiritual que possa atrair.

Assim, pensamentos, palavras de amor, ternura, piedade projetam energias salutares que impregnam a atmosfera em que se respira:

Deus te abençoe! Tenha um bom-dia! Tudo vai dar certo! Esse procedimento atrai os bons Espíritos que, por sua vez, colaboram na emissão de energias enriquecedoras.

Todavia, pensamentos e palavras de ódio, raiva, deboche, revolta, projetam energias deletérias:

Maldição! Vá pro inferno! Nada dá certo comigo! Todo tipo de obscenidade e palavrões. E os Espíritos infelizes são atraídos pelo magnetismo emitido, aproximam-se e colaboram na ampliação dos fluidos saturados bem como na concretização dos pensamentos infelizes.

Por isso, frases otimistas, cheias de fé, de esperança reanimam. Frases pessimistas abatem o ânimo. Portanto, o estado de ânimo depende da vontade, do querer.

Existe um axioma popular que diz: “Querer é poder!” Realmente, o querer, a vontade são poderosos. Quando se quer com vigor, consegue-se, pois a emissão das energias é impulsionada pela vontade e dá força para reverter qualquer estado negativo, depressivo em que se encontra. Com fé se atrai amigos espirituais e através da oração estabelece-se sintonia com os Planos Superiores. Por isso Jesus afirmou: *“(...) qualquer que disser a este monte ergue-te e lança-te ao mar, e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que*

disser lhe será feito.”

A vontade se manifesta através de pensamentos, palavras, gestos, atos nos momentos mais simples da vida, quando se quer, ou não se quer: falar, andar, comer, sorrir, chorar... até os atos mais complexos: pensar, refletir, progredir, amar, obedecer, estudar, criar, prejudicar, mentir, acusar e assim por diante.

A vontade pode ser direcionada a favor do próprio indivíduo ou contra ele, os semelhantes, a Natureza, um ideal. Para o bem, para o mal. Para construir, para destruir.

Léon Denis define muito bem a vontade:

“A Vontade é a força suprema; é a própria alma que exerce o seu império sobre as potências inferiores: o uso que dela fazemos determinará nosso adiantamento preparando o nosso futuro, fortificando-nos ou deprimindo-nos.” (“Depois da Morte”, p. 212.)

Num outro momento o grande estudioso da Doutrina dos Espíritos afirma:

“O poder da vontade sobre os fluidos é ilimitado e aumenta com a elevação do Espírito. No ambiente terrestre seu poder sobre a matéria é limitado, visto que o homem não se conhece e não sabe utilizar as forças que estão nele...” (Idem, 209.)

O poder da vontade se compara ao da água e do fogo: Quando bem direcionados, controlados são os maiores indutores do progresso, porém, sem controle, sem limites causam tragédias e destruições.

No episódio da figueira, Jesus demonstrou o poder de destruição da vontade, e a necessidade de usá-la para o bem. Para tanto acrescentou a fé, a oração e o perdão para que seus efeitos se ampliassem.

Na breve existência sobre a Terra Seus feitos exaltaram não apenas o poder da vontade, mas também os seus benefícios: curou cegos, paráliticos, leprosos, obsidiados, acalmou tempestades, caminhou sobre as águas, suportou dores físicas e morais superlativas. Jesus manipulava os fluidos com conhecimento de causa. Assim, usou a figueira para que Seus discípulos testemunhassem a força, o manancial de energia que cada um possuía e, ao mesmo tempo, aprendessem a manipular corretamente essas energias. É preciso conhecer a ferramenta para utilizá-la com proveito.

O mal não é criação divina. É o produto da inferioridade do homem. Deus deu-lhe as ferramentas para serem bem usadas. Quando mal utilizadas produzem malefícios, tanto para si quanto para os semelhantes, afetando a ambiência em que vive. Assim, ao observar detalhadamente as múltiplas utilidades que uma lâmina apresenta, em suas diferentes versões, perceber-se-á que abre caminhos ásperos; facilita a vida doméstica; salva vidas e as prolonga em salas de cirurgia. Tornou-se, portanto, instrumento de sobrevivência da Humanidade. No entanto, nem sempre se imagina quanto mal, quanta desgraça acarreta quando mal empregada. Todavia, nos bastidores de toda essa dinâmica progressiva ou destrutiva a vontade se faz presente.

A vontade, mal direcionada pelo homem, é hoje a principal causadora dos despautérios em que a Terra se debate. É necessário reverter o direcionamento de seus desejos para o bem comum, para o amor, para a fraternidade. Ninguém vive feliz projetando destruição... Pois, destruindo a seara alheia se destrói as próprias fontes de vida em que se respira.

A demonstração do Divino Amigo para Seus discípulos foi também para a Humanidade de todos os tempos: *“Nunca mais coma alguém fruto de ti.”*

Nessa breve demonstração, iluminou consciências inexperientes: tudo que

se destrói no presente, com certeza, faltará no futuro.

Sem vontade não se constrói, não se evolui. A vida se compõe de desafios constantes. A cada desafio vencido, uma vitória alcançada. Se a cada desafio forem somados a força da fé, o poder da oração e a plenitude do perdão não há o que temer. A vontade bem direcionada conduzirá a alma pelos caminhos do Amor.

Nos momentos cruciais em que as asperezas das provas enfraquecerem a vontade é importante recordar:

Num momento de ira, Moisés destruiu as tábuas da lei; mas, de vontade firme, armou-se de humildade, retornou à áspera tarefa e recuperou os Dez Mandamentos.

Num momento de inferioridade, Judas traiu Jesus.

Num instante de medo, a vontade de Pedro vacilou e ele negou Jesus.

Num momento de autoridade, Paulo perseguiu Jesus; todavia, num arroubo de coragem, abandonou tudo e seguiu Jesus.

Com a vontade centrada no Divino Mestre Jesus, todos se redimiram.

Tratamento Médico e Tratamento Espiritual

UMBERTO FERREIRA

Os espíritas esclarecidos reconhecem o valor do tratamento médico, assim como sabem que os Espíritos superiores dispõem de recursos muito mais refinados para o tratamento das doenças do ser humano. Por isso mesmo, não cultivam qualquer preconceito contra os tratamentos médicos conduzidos com critério, muito menos contra tratamentos espirituais sérios. Sabem que um tipo de tratamento complementa o outro, não havendo, portanto, incompatibilidade entre eles.

Muitos espíritas pouco esclarecidos doutrinariamente e pessoas outras que recorrem aos tratamentos espirituais e outros tratamentos alternativos, com frequência, agem de forma diferente. Imaginam haver incompatibilidade entre os tratamentos e interrompem o tratamento médico. Em muitos casos, a interrupção é recomendada por Espíritos ou pelos próprios médiuns, que garantem a eficácia do tratamento espiritual ou alternativo.

Em recente edição, a revista *Veja* publicou reportagem sobre uma pesquisa feita pelo médico oncologista Riad Younes no Brasil, na qual ele estuda os resultados obtidos em tratamento de câncer em pacientes que interromperam o tratamento convencional para seguir exclusivamente os tratamentos alternativos feitos com babosa, ervas, cogumelos, vitaminas, cartilagem de tubarão, cirurgias espirituais (grifo meu). É importante ressaltar que a amostra pesquisada é significativa, porquanto foram estudados 3.420 pacientes. O pesquisador chegou à seguinte conclusão: “Nenhum desses métodos reduziu o tamanho do tumor.” Apesar disso, 10% dos pacientes disseram que obtiveram melhora.

Como explicar esses resultados? O tratamento espiritual não funciona? Não é possível obter-se cura por meio das cirurgias espirituais?

A questão não é simples. Em primeiro lugar, é preciso compreender que o câncer e outras doenças de maior gravidade são expiatórios, até mesmo os casos em que ocorre cura. É o próprio Espírito que escolhe a sua expiação antes de reencarnar, com o objetivo de resgatar débitos do passado. Como Espírito, ele compreende a necessidade de pagar os seus débitos. Por isso não basta o desejo de curar-se para alterar o programa reencarnatório cuidadosamente planejado.

Outro aspecto importante a ser considerado é o que entendem os Espíritos que alimentam a esperança de cura. Na maioria das vezes, eles se referem à cura do espírito, e não do corpo. Quando o Espírito cumpre uma expiação até o fim fica livre de graves erros de outras existências, que eram causa de sofrimento moral ou desequilíbrios. Esse é o verdadeiro sentido da cura. Por fim, não podemos deixar de levar em consideração o alívio que a prece e os demais recursos espirituais proporcionam a todos os que recorrem à Providência Divina, dando-lhes forças para suportar suas expiações e provas.

Os pacientes que seguem apenas os tratamentos médicos também são socorridos pelos Espíritos, sobretudo se tiverem méritos. Os pacientes que só melhoram quando procuram os recursos espirituais em Centros ou outras instituições espíritas são os que necessitam muito mais do despertar para as questões espirituais.

A FEB e o Esperanto

Richet e o Esperanto

Charles Richet foi uma das mais brilhantes intelectualidades do mundo. Ao tempo em que se zombava do Esperanto, saiu ele a campo em defesa da língua. Seus escritos sobre o Esperanto só têm hoje valor histórico, porque ninguém mais ousa zombar do Esperanto. Damos aqui a tradução de um capítulo de seu livro “L’âge d’or et l’âge de L’or”, publicado em 1930.

Esperanto. — Num futuro talvez muito próximo haverá uma língua universal, mas, fique entendido, auxiliar, porque seria sacrilégio querer que desaparecessem as belas línguas nacionais. Esse progresso maravilhoso de uma língua única é muito mais simples do que todos esses de que falei até aqui. Não contraria nenhum egoísmo individual ou nacional, não exige um imposto novo nem mudança apreciável em nossa vida rotineira, e não pede senão insignificante esforço intelectual.

Demais, ao propor insistentemente essa idéia, não estou inventando nada. Meu único mérito é de defendê-la contra graçolas, piadas cretinas, e, sobretudo contra um desdenhoso silêncio que se coligaram encarniçadamente contra ela.

Quando se fala de uma língua internacional, universal e única, do Esperanto, a gente séria se dana toda – estou empregando a gíria moderna para ficar no nível deles – e fazem uma objeção formidável:

“Ah! ah! o Esperanto!”

Aí fica toda a força de sua argumentação.

Em vão se lhes diz que é uma língua simples, flexível, fácil de aprender-se e mais fácil ainda de compreender-se.

“Ah! ah! o Esperanto!”

Uma língua que todas as pessoas cultas e incultas, da Europa, poderiam compreender, ler, falar, escrever, após três meses de estudo.

“Ah! ah! o Esperanto!”

E nada melhor sabem dizer.

Falemos seriamente, mesmo aos que não são sérios.

1º – O Esperanto é uma língua muito fácil, que não tem uma única exceção em sua gramática.

2º – Seu vocabulário é sobretudo latino, é o *latim da democracia*; isso quer dizer vocabulário francês.

3º – Pode aprender-se a gramática – a gramática toda – em meia hora.

4º – Ao cabo de três meses de estudo (à razão de uma hora por dia) um jovem de 15 anos, de inteligência média, poderá falar correntemente o Esperanto.¹

Ora, para falar corretamente uma única língua estrangeira (francês, inglês, alemão, espanhol ou italiano), são necessários pelo menos dois anos de longos estudos, à razão de pelo menos duas horas por dia.

Assim, com algarismos inexoráveis, se estabelece a diferença. Enquanto são necessárias 1.400 horas de trabalho para aprender uma língua estrangeira, bastam 100 horas para o Esperanto.

E o que será se, em lugar de uma única língua estrangeira, tivermos que aprender duas ou até três?

Eis, por exemplo, os holandeses que presentemente, seja para o comércio, para viagens, ou para prazeres, têm que falar três línguas estrangeiras: alemão, inglês, francês. Que esforço terrível! Observo que depois de seis anos de um trabalho duro, enfadonho e odioso, um jovem holandês raramente se expressará com facilidade e correção suficientes ao mesmo tempo em francês, em inglês e em alemão. Por conseguinte esse pobre rapaz terá necessidade de 4.000 horas de trabalho em confronto com as 100 do Esperanto. O esforço varia de 1 para 40.

É evidente que o Esperanto não interessará se ninguém o falar.

Eis ainda uma comparação.

Trazem-me um telefone; instalam-no em minha casa com fios elétricos e toda uma organização delicada através das paredes de minha sala. Sei muito bem que é um maravilhoso aparelho de física. Mas se eu for o único que tenha telefone, esse instrumento admirável não será mais do que um bibelô embaraçante e caro. Nada terei que fazer com ele. No entanto, se houver um milhão de assinantes de telefones, a utilidade desse bibelô se tornará enorme.

Se o Esperanto for falado apenas por cem pessoas, ele não será mais do que um passatempo intelectual e não poderei perder meu tempo em aprender essa esquisitice. Mas se um milhão de pessoas podem conversar comigo em Esperanto, sua utilidade se torna notável. E se dez milhões, então ele é quase indispensável.

A utilidade do Esperanto está na proporção do número de pessoas que o falem.

Suponhamos então, como se diz em matemática, o problema resolvido. (Veremos já como se pode resolvê-lo sem grande esforço.) Suponhamos que haja na Europa dez milhões de indivíduos que falem correntemente o Esperanto e possam escrever suas cartas comerciais nessa língua auxiliar. Decerto continuarão eles em casa falando suas próprias línguas.

Portugueses e romaicos, tchecos e dinamarqueses, holandeses e poloneses não terão razão alguma de abandonar sua amada língua materna. Mas haverá entre todos eles uma língua universal que poderão compreender facilmente, em vez de se desesperarem sobre gramáticas, verdadeiros quebra-cabeças que ensinam o francês, o alemão, o italiano ou o inglês. Uma língua única para todos os homens civilizados! Isso é enorme em conseqüências morais e materiais.

É uma beleza ouvir-se dizer: “Ah! ah! o Esperanto!” Este argumento (?) não me persuadirá.

E que é preciso para que essa suposta quimera se torne uma realidade?

Primeiramente é preciso uma propaganda pessoal ativa, endiabrada. Essa propaganda será divertida, será, sob zombarias, um dos apostolados que tornam a vida digna de ser vivida. Para os homens fortes é uma alegria ser remoque de idiotas.

Meu saudoso amigo Boirac, reitor da Academia de Dijon, ensinou o Esperanto à mulher, aos filhos e aos criados. Entre eles, em casa, não se falava senão Esperanto, e ele convenceu pessoas de Dijon a fazerem o mesmo, de modo que a cidade de Dijon contava em França o máximo de esperantistas, mais do que Paris, Lião, Marselha.

Se, por um acidente de louca improbabilidade, muito mais quimérico que tudo que escrevi neste livro, eu me tornasse Ministro da Instrução Pública, um de

meus primeiros cuidados seria o de propor aos meus colegas estrangeiros ministros como eu, na Itália, na Inglaterra, na Espanha, na Alemanha, na Holanda, a organização de um ensino obrigatório do Esperanto por três meses, sim, de três meses apenas, para os jovens (rapazes e moças) de dezesseis anos. Ao cabo de três meses, uma comissão internacional, percorrendo a Europa, conferiria bons prêmios aos professores e aos alunos que houvessem obtido os melhores resultados.

Seria incentivada uma correspondência afetuosa entre esses jovens esperantistas de todos os países.

Não seria complicado o estabelecimento de reuniões em que brilhasse o espírito internacional, graças à unidade da linguagem. Bem pequeno seria o esforço que se teria de exigir desses jovens. Uma hora por dia, durante três meses! Não pedir, mas exigir, como se exige o latim e a aritmética. Seria permitir-lhes conversar sem dificuldade com todos os habitantes da Europa, fossem búlgaros ou finlandeses.

Eu nunca serei Ministro da Instrução Pública. Mas porque algum jovem e inteligente ministro, desdenhoso das objeções (Ah! ah! o Esperanto!) não tomaria essa resolução tão fácil? Estou certo de que em muitos países da Europa ele encontraria sólido apoio.

Algumas vezes, a despeito da tenacidade de minhas idéias liberais, sou tentado a desejar para a Europa um ditador que decretasse certas medidas inofensivas, mas úteis. Estaríamos imediatamente longe das comissões, das sub-comissões, dos inquéritos, dos contra-inquéritos, dos votos confusos depois de arengas intermináveis, com toda a máquina política, isto é, os vaivéns de miseráveis apetites eleitorais. O quê! toda essa mobilização para uma pequena reforma escolar de três meses! Ela não prejudicaria a ninguém e seria o começo do verdadeiro intercâmbio humano.

Sobretudo não se venha objetar que seria em detrimento da língua francesa. É preciso ser um verdadeiro cretino para crer que se fala o francês correntemente nas ruas e nas lojas de Londres, de Chicago, de Munique, de Praga, de Milão, de Yokohama. Sei muito bem que em raros salões, dessas grandes cidades, se encontram mulheres distintas que falam suficientemente o francês para se fazerem compreender. Decerto que é assim. Mas isso pouco vale. Não se fala o francês senão em França. A fala francesa, tão difícil, tão complicada, não se imporá nunca como língua internacional, do mesmo modo que a fala inglesa, cuja escrita é terrivelmente antifonética.

Mas quem, então, entre os esperantistas mais radicais, pretende anular a língua francesa? Essa língua adorada e adorável que vai de Montaigne a Victor Hugo, língua maleável, precisa, matizada, em que se pode combinar a ironia com a eloquência, que é a clareza, a finura e a razão. Ai do Esperanto! O jovem Esperanto não tem nada disso. É uma língua bastante vil, geométrica, sem elegância, que não teve o privilégio de ser trabalhada durante quatro séculos por grandes poetas e poderosos pensadores. Mas não se trata de beleza, trata-se é de facilidade e de utilidade.

Seria demência querer destronar a língua de Voltaire ou a de Goethe, ou a de Dante, ou a de Cervantes, ou a de Shakespeare. Cada um de nós guardará sua língua, mas passemos algumas semanas aprendendo uma língua que falará correntemente todo o universo civilizado. Um bom ditador (mas ditador somente para isso) poderá trazer-nos esse benefício.

Certamente, num futuro talvez próximo, haverá uma língua auxiliar internacional. Conquanto o Esperanto, que foi edificado pelo gênio de Zamenhof, seja

admiravelmente construído, pode ocorrer que outro homem de gênio crie outra língua mais perfeita. Isso pouco importa, haverá uma língua universal, fácil, juxtaposta às belas línguas maternas.

Em lugar de nos esterilizarmos durante três anos no estudo do alemão, do inglês, do italiano, do espanhol, passemos três meses a estudar essa língua universal. Será o suficiente para falá-la, e poderemos assim entrar em relações com os civilizados de todos os países, mesmo que eles falem português, flamengo ou dinamarquês.

Quanto menos tempo houvermos consagrado às línguas estrangeiras, cujas gramáticas e vocabulários são terrivelmente difíceis², tanto mais poderemos desde a adolescência estudar a fundo nossa querida língua materna.

Quanta coisa eu poderia ainda dizer, mas é preciso frear o meu entusiasmo. Notarei somente o seguinte: Se em vez de ter o mesmo sistema de algarismos, de origem árabe, parece-me, 1, 2, 3, etc., cada nação tivesse, ao mesmo tempo que sua fala especial, adotado uma numeração particular, que cacofonia insuportável! Quantos algarismos indecifráveis! Se podemos viver no estrangeiro mesmo sem conhecer a língua estrangeira que lá se fala, é porque a numeração é a mesma. Omnia in numero et pondere, dizia o Eclesiastes. É esta a divisa da ciência e, se ela pode progredir, é porque, em todos os países, o número tem o mesmo símbolo.

Charles Richet

Professor da Universidade de Paris e Membro do Instituto.

(Transcrito de Reformador de setembro de 1963.)

1 Para os japoneses, os eslavos, os chineses, os árabes, por causa da diferença profunda do vocabulário e do alfabeto, seriam necessários seis meses.

2. Só darei um exemplo. Em todas as línguas, o verbo “ser” com sua conjugação compreende mais de cinco palavras diferentes (“sum”, “fui”, “ero”, “eram”, “esse”, “futurus”, etc...). No Esperanto o verbo “ser” não constitui exceção alguma e se conjuga exatamente como os outros.

Trovas do Além

A inveja recorda o
Passando em fúria, de assalto
Que açoita com mais
Aqueles que estão no alto

Colombina

Nunca vejas no vizinho
Defeitos, fraquezas, taras
A ostra mora no lodo
Criando pérolas raras

Toninho Bittencourt

(Do livro "Trovas do Mais Além", psicografado por Francisco Cândido Xavier, edição C.E.C.)

Direitos Autorais

Reproduzimos abaixo, por sua aplicação aos dias atuais, o texto publicado em Reformador de dezembro de 1992, p. 12.

A obediência à ética e aos princípios estabelecidos nas legislações humanas, no que concerne aos direitos autorais e conexos, é fundamental para que o Movimento Espírita evite a irresponsabilidade e o caos na divulgação da Doutrina Espírita.

A Doutrina Espírita, em seu vasto contexto, compreende princípios ético-morais que seus seguidores sinceros e suas Instituições não desconhecem, cumprindo-lhes segui-los.

De outro lado, no que concerne aos denominados direitos autorais e conexos, as Convenções Internacionais e as leis nacionais contêm disposições que protegem esses direitos, com fundamento na ética que deve presidir as relações e os interesses humanos ligados aos direitos do autor.

A Federação Espírita Brasileira, ao longo de sua existência centenária, acumulou considerável acervo de obras lítero-doutrinárias, de autores encarnados e desencarnados, versando sobre os mais diversificados assuntos de interesse da Doutrina e de seu Movimento.

Todo esse acervo – compreendendo as obras que caíram no domínio público e aquelas das quais a Federação detém os respectivos direitos – está posto a serviço da divulgação do Espiritismo, através de edições e reedições sucessivas.

A divulgação diretamente feita pela FEB, desde o século passado, não exclui a eventualidade de, por vezes, ceder ela a outras Instituições e pessoas físicas, no Brasil e no Exterior, a permissão de utilização de suas obras, seja no idioma pátrio ou em outras línguas.

Essas cessões e autorizações são sempre em caráter gratuito, mas obedecem a critérios e condições que não prejudiquem a boa propagação da Doutrina, levando-se ainda em conta as pessoas, físicas e jurídicas, pela sua idoneidade e pela qualidade dos trabalhos de reprodução ou de tradução.

As explicações acima visam a mostrar aos espíritas que o grande patrimônio da Federação Espírita Brasileira, representado pelas suas obras literárias espíritas, deve e precisa ser preservado, não somente para as gerações atuais, mas também para as futuras.

Aos que detêm parcelas de responsabilidades no Movimento Espírita cumpre-lhes o dever de zelar pelos princípios ético-morais emanados da Doutrina e das leis, em todas as situações, até mesmo, sem dúvida, no terreno da utilização dos direitos autorais e conexos.

Existem pessoas que, de boa ou de má-fé, por ignorância ou por interesse imediatista, insistem em abusar da tolerância da FEB, para lançar, sem a devida autorização, edições e reedições de seus livros, ou deles fazer adaptações para peças teatrais e composições musicais, além de cópias em fitas cassete ou discos.

Alega-se para tal procedimento a intenção de difundir a Doutrina. Mas, evidentemente, não deve, nesse caso, subtrair-se o pretenso divulgador ao acatamento das normas que regem a convivência correta e leal em sociedade.

Não raramente são deturpados, nessas contrafações, os princípios doutrinários, ou levados ao ridículo os autores e médiuns respeitáveis, tal a qualidade inferior dos arranjos, reproduções e scripts.

A Federação tem preferido os recursos suasórios e o diálogo para coibir ou contornar os abusos de vária natureza, evitando eventuais escândalos.

Torna-se evidente, porém, que, em determinadas circunstâncias e situações em que os infratores desrespeitam flagrantemente os direitos autorais, furtando-se aos entendimentos e às regras do bom convívio, a FEB não terá dúvida em agir judicialmente, respaldada na Constituição, nas Convenções Internacionais e nas leis que regulam a preservação daqueles direitos.

Aqui ficam o registro e o apelo que, pela constância dos abusos teimosa e inadvertidamente ocorridos, não podiam ser protelados ou esquecidos, e nos quais os espíritas hão de identificar exclusivamente a justificada preocupação da Federação Espírita Brasileira de pôr cobro a práticas e comportamentos que destoam da essência dos ensinamentos da Doutrina e conflitam com a lei e com elementares preceitos da ética.

A Presidência

Henrique Magalhães no seu Centenário

No dia 4 de setembro de 1900 – há, portanto, 100 anos –, retornava às lutas no cenário terreno uma alma valorosa, já irresistivelmente convertida aos sublimes ideais do Cristo de Deus, certamente para o prosseguimento de serviços em favor dos pequeninos, dos pobres, dos desvalidos, enfim, dos “filhos do Calvário”, para usarmos a inspirada expressão veiculada pelo Espírito Emmanuel na obra “Paulo e Estêvão”.

Referimos-nos à pessoa encantadora, simples e humilde de Henrique Alves da Cunha Magalhães, o generoso português, brasileiro de coração, idealizador, fundador e condutor, até hoje, da Instituição Maria de Nazareth – Casa da Mãe Pobre, que desde 1940 se dedica à assistência material e espiritual da infância desvalida, de gestantes sem recursos, de velhinhos e velhinhas impossibilitados de proverem ao próprio sustento.

A Instituição Maria de Nazareth presta serviços assistenciais em Teresópolis, na Creche e Lar Isabel a Redentora, Mansão dos Velhinhos, Grupo Escolar Isabel a Redentora; e no Rio de Janeiro com o Hospital Maternidade e Ambulatório Dr. João de Freitas, Abrigo Sylvia Penteado Antunes e Lar Lucílio Ribeiro Torres, Creche Marietta Navarro Gaio.

Com aquele magnetismo das almas que tudo sacrificam pelo bem do próximo e que confiam absolutamente na Providência Divina, sem se descuidarem de cumprir os deveres que lhes assegurem os favores celestes, Henrique Magalhães, desprovido de grandes recursos, tem atraído para a sua benemérita obra o concurso de devotados idealistas, assim assegurando, com o indispensável sustento do Alto, a continuidade de um serviço digno do venerando Espírito que o inspira – Maria de Nazaré, a Mãe Santíssima de Jesus.

É de Henrique Magalhães a autoria de três obras: “A Casa da Mãe Pobre – 50 Anos de Amor”, 1991; “Como Fundar e Manter Obras Assistenciais”, 1995; “Em Prol da Mediunidade – Pequena História do Espiritismo”, 1998.

A Conferência Espírita Brasil-Portugal (16 a 19-3-2000) acolheu sentida homenagem ao grande lidador, por iniciativa de Francisco Bispo dos Anjos que, em nome da Federação Espírita do Estado da Bahia, publicou singelo folheto em que, entre outros textos, figuram dados autobiográficos de Henrique Magalhães.

Nosso querido irmão nasceu em 4 de setembro de 1900, na Freguesia dos Telões, Conselho de Amarante, Distrito do Porto, em Portugal, filho de Manoel Alves da Cunha Magalhães e de Ana Augusta da Cunha Coutinho. Aos 12 anos de idade, na companhia de um casal de primos de seu genitor, embarcou para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 11 de novembro de 1912. Até 1920, trabalhou arduamente no comércio para ganhar o pão de cada dia, mas as seqüelas da “gripe espanhola”, contraída em 1919, obrigaram-no a retornar à casa paterna. Durante a viagem a enfermidade cedeu por completo, e Henrique, após visitar os pais, regressou ao Brasil, onde se estabeleceu definitivamente como comerciante. Em 1931, adoeceu novamente e fixou residência em Teresópolis, onde grassava uma epidemia de meningite. Com a filha mais nova atingida pela terrível enfermidade, Henrique, vendo-a piorar apesar dos desvelos do médico, aceitou a sugestão de obter uma receita homeopática dos Espíritos, não obstante sua aversão ao Espiritismo. Opera-se a “milagrosa” cura e Henrique começou a estudar a obra “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, compre-

endendo o quanto andava distanciado de Jesus.

Em 1937, o Alto, através do Espírito do Dr. João de Freitas, exorta-o a que, juntamente com outros idealistas, empreenda a fundação da benemérita Instituição que até hoje preside, desde quando, em 1946, substituiu seu primeiro presidente, o Dr. Coriolano de Góis, falecido naquele ano.

Henrique Magalhães sempre foi um inestimável amigo da Federação Espírita Brasileira, tendo colaborado para a construção da Sede Central, em Brasília (DF), e do Departamento Gráfico, no bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, para não falar do serviço silencioso e fiel, de todos os dias, em prol dos ideais que norteiam os destinos da Casa de Ismael na Terra.

Na Federação Espírita Brasileira foi membro do Conselho Fiscal durante vinte anos, representante do Ceará no Conselho Federativo Nacional de 1951 a 1985, e é até os dias atuais membro do Conselho Superior, para o qual vem sendo eleito desde 1975.

A nossa Casa, portanto, com muito júbilo, se associa às justas homenagens que a grande e generosa família espírita do Brasil e de Portugal presta ao querido Henrique Magalhães por ocasião do centenário de sua vida terrena, toda dedicada ao Bem, à Luz, à Verdade.

Malgrado às suas atuais deficiências físicas, bem recentemente o nosso homenageado destacava: “E continuo trabalhando, com a graça de Deus”, lição imorredoura que fica para os espíritas e os não espíritas. ●

Abordagem ao Evangelho

PASSOS LÍRIO

“Fica em nossa companhia, porque é tarde e o dia já declina.”

(Lucas, 24:29.)

Senhor, Tu acompanhaste os dois discípulos a caminho de Emaús, enchendo-lhes os corações das claridades celestiais.

Também nós, Jesus, temos a nossa estrada de Emaús, de solidão e saudade, e necessitamos de Tua presença divina, do calor de Tuas palavras em nossas vidas frias de sentimentos!

Acompanha-nos Mestre, em nossa caminhada terrestre, e fala-nos ao coração cansado das ilusões do mundo, fala-nos de Tuas verdades eternas e fortifica-nos, cada vez mais, nas lutas diárias em prol da renovação do nosso íntimo.

Como novos aprendizes e pequeninos trabalhadores de Tua seara, desejamos vencer as renhidas pelejas de nossas inferioridades, mantendo-nos a Teu lado, porque precisamos de Tua presença augusta, como as plantas precisam da seiva que as alimenta.

Fica conosco, Senhor, que o dia vem declinando e não sabemos das surpresas que a noite nos reserva.

Fica conosco, Jesus, que a escuridão já ameaça nos envolver; e bem pode ser que sejamos postos a testemunhos de calma e equilíbrio, de paciência e perseverança, de serenidade e tolerância, de indulgência e paz; é possível, bem-amado Mestre, que, frente a frente a tais desafios, ainda não estejamos de todo preparados para superá-los.

Contigo venceremos todos os embates, rechaçaremos todas as investidas, enfrentaremos todas as refregas, e não há como nem por que prescindirmos de Tua misericordiosa proteção, do Teu aconchegante acolhimento, para o abastecimento de forças e energias que nos assegurem a possibilidade de sermos novas criaturas em Ti.

Ampara-nos, Celeste Amigo, nos lances amargos de nossa existência, e fica conosco para que saibamos receber e repartir o santificado pão do Teu Evangelho com o nosso próximo, compartilhando juntos da satisfação dessa abençoada partilha a bem do fortalecimento de nossas almas.

Abre-nos os corações e fica em nossa companhia, como o Amigo certo das horas incertas, a fim de que possamos transmitir à Humanidade a Tua Mensagem de Vida Eterna, fidedignamente, tal como o Senhor no-la legou.

Fica conosco, Jesus, sim, fica conosco, rogamos-Te, para nos guardar e resguardar de todas as emboscadas e tramas das Trevas, facultando-nos sobrepujemos o Mal com o Bem de que já sejamos dotados.

Carecemos de Tua companhia, hoje e amanhã, agora e sempre, para ganho de causa no combate intestino travado por nós e em nós mesmos, logrando a conquista de nossa redenção. ●

Encontro Nacional do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita

Realizou-se nos dias 4 a 6 de agosto, na sede da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro (USEERJ), o 1º Encontro Nacional do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita, conforme decisão do Conselho Federativo Nacional em sua reunião de novembro de 1999.

O evento contou com a coordenação da Federação Espírita Brasileira e a participação de representantes de todas as Federativas Estaduais e das Entidades Especializadas de Âmbito Nacional. Na ocasião, foi apresentado o Manual de Apoio para Atividades do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita (SAPSE), trabalho elaborado pelas Federativas, sob a coordenação da FEB, durante as reuniões das Comissões Regionais.

No transcorrer do Encontro, foram estudados os seguintes assuntos: Fundamentos Doutrinários do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita (SAPSE); Metodologia de Ação do SAPSE; Evolução Histórica da Assistência Social no Brasil e o Relacionamento com os Órgãos Públicos; e Promoção Integral da Família. Além do estudo desses temas específicos, foram realizados trabalhos em grupo com o objetivo de levantar as necessidades do SAPSE nos Estados e de apresentar sugestões e propostas com vistas ao atendimento dessas necessidades.

Participaram do evento, como expositores, Nestor João Masotti, José Carlos Silva Silveira, César Soares dos Reis, Edvaldo Roberto de Oliveira e Elaine Curtis Ramazzini.

A reunião de abertura do Encontro foi dirigida pelo Presidente da FEB, Juvanir Borges de Souza, que ressaltou a importância da área do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita no Movimento Espírita, lembrando ainda sua influência decisiva na própria história da Federação Espírita Brasileira a partir da criação, na FEB, em 1890, da *Assistência aos Necessitados*.

O 1º Encontro Nacional do Serviço de Assistência e Promoção Social Espírita foi uma oportunidade preciosa de estudo e de confraternização, trazendo a todos os que dele participaram estímulos renovados para prosseguirem nas suas atividades no Movimento Espírita. ●

Federação Espírita Brasileira Conselho Federativo Nacional

Reunião em Brasília nos dias 10, 11 e 12 de novembro de 2000

O Conselho Federativo Nacional, órgão da Federação Espírita Brasileira, realizará sua Reunião Ordinária do corrente ano nos dias 10, 11 e 12 deste mês.

Importantes assuntos doutrinários e administrativos, de interesse do Movimento Espírita brasileiro, serão apreciados pelo CFN em mais esse encontro de presidentes e representantes das vinte e sete Federativas Estaduais e das três Entidades Especializadas de Âmbito Nacional, que o integram. ●

A Reforma do Código Penal II

O Aborto

JOSÉ CARLOS MONTEIRO DE MOURA

1. O Anteprojeto da reforma penal dedicou ao aborto um tratamento de características nitidamente estimuladoras de sua prática, não obstante tenha criado uma nova forma de qualificação (aumento de pena) destinada aos casos em que for cometido com o fim de lucro. As inovações, quase todas suscetíveis de críticas quanto ao seu conteúdo ético, foram: a) o perdão judicial facultativo, aplicável aos dois crimes próprios da gestante (auto-aborto e aborto por ela consentido); b) a simbólica punição por lesão corporal culposa ou homicídio culposo, quando, nos casos de aborto praticado por terceiro (com o consentimento ou sem o consentimento da gestante), “em consequência do aborto ou dos meios empregados para provocá-lo, resultar para a gestante lesão corporal grave ou morte, e as circunstâncias evidenciarem que o agente não quis nem assumiu o risco de sua produção”; c) a exclusão de crime nas situações em que não há outro meio de se salvar a vida da gestante, hipótese já prevista no Código vigente e a única admitida pelos Espíritos (q. 359 de “O Livro dos Espíritos”); d) a inclusão, no elenco das ações não criminosas: 1) das que forem cometidas com a finalidade de preservar a saúde da gestante de grave e irreversível dano; 2) das que tiverem por escopo interromper a gravidez resultante da prática de qualquer dos crimes contra a liberdade sexual (atualmente, a permissão se limita ao estupro); 3) daquelas realizadas quando ocorrer “fundada probabilidade, atestada por dois outros médicos, de o nascituro apresentar graves e irreversíveis anomalias que o tornem inviável”. Nas hipóteses em que o caráter criminoso do fato foi excluído, o aborto somente poderá ser realizado pelo médico.

2. Essa postura somente pode ser entendida em função de uma sociedade imediatista e espiritualmente atrasada. Em face disso, não ultrapassa os acanhados e estreitos limites dos objetivos práticos e imediatos do Direito Penal, dentro da visão que o reduz ao *mínimo ético* de que o grupo social necessita, para que os seus membros possam ter uma convivência que alcance o mínimo de harmonia desejável. Não sensibiliza nem entusiasma, contudo, os que se empenham em diminuir o considerável espaço que ainda separa o Direito da Moral, fator sem o qual a estruturação de uma sociedade mais justa, mais solidária e mais fraterna acaba por se tornar em tarefa quase impossível.

Os verdadeiros espíritas devem estar alinhados entre os que se batem por esse ideal, em face do seu impostergável compromisso com a mensagem renovadora do Evangelho. Do Decálogo ao Sermão do Monte, a proibição de matar é tachativa. Não há, na Lei Maior, as conhecidas exceções das legislações terrenas, extravasadas, muitas vezes, em artificiosas criações legislativas, como é o caso, por exemplo, da *offendicula* do **exercício regular do direito** ou das inúmeras exteriorizações de violência justificadas pelo **estrito cumprimento de dever legal**. Jesus foi incisivamente claro ao comparar o homicídio às ofensas julgadas de menor importância pelos homens e por sua leis, mas que, na instância divina, ocupam o mesmo ou maior grau de gravidade (Mat., 5:21-22). “O Livro dos Espíritos” somente o justifica nos casos de **legítima defesa**. Mesmo assim, a excludente, no entendimento dos Espíritos, não contém a mesma amplitude com que é agraciada pelos Códigos Penais, posto que restrita à premente e exclusiva necessidade de preservação da vida do agredido, desde que ele não disponha de nenhum outro meio para tal. Daí a razão por que o homicídio será, sempre e irre-

versivelmente, crime perante a Lei Divina, não obstante a variada rotulação de que se reveste na legislação dos homens e os privilégios legislativos com que é costumeiramente contemplado: parricídio, fraticídio, infanticídio, eutanásia, ortotanásia, aborto, etc. É o que se conclui das questões 357, 358, 359, 746, 747, 748, 750, 880, e outras, do primeiro livro da Codificação.

3. O aborto, da mesma forma que a eutanásia, nada tem de moderno ou de inovador, conforme pretendem alguns apressados reformadores de costumes e afoitas militantes dos movimentos feministas. Não significa nenhum avanço social, nem traduz uma inovadora necessidade da mulher moderna. Revela, isto sim, uma filosofia de vida exclusivamente materialista e eivada do mais absoluto egoísmo.

Todos os povos, de todas as épocas, conheceram as práticas abortivas. Foram uma constante na vida dos hebreus, de cujos costumes mais primitivos faziam parte, como fato penalmente irrelevante. Muito tempo depois do surgimento da lei mosaica é que a interrupção da gravidez passou a ser considerada um fato ilícito em si mesmo. Até então, só era punido o aborto ocasionado, ainda que involuntariamente, mediante violência (Êxodo, 21:22).

Na Grécia, em que pese os veementes protestos de Pitágoras, somente a partir de Licurgo e Sólon é que ele se tornou proibido. Aristóteles e Platão chegaram a recomendar o seu cometimento. O primeiro, desde que o feto ainda não tivesse adquirido alma e tendo em vista assegurar o equilíbrio entre a população e os meios de produção. O segundo, para as mulheres com mais de quarenta anos, que viessem a conceber.

A mais antiga codificação romana, a Lei das XII Tábuas, não cuidou do aborto. Tampouco o fizeram as leis da República. Naquela época – a exemplo do que afirmam muitos abortistas modernos – o produto da concepção era considerado parte do corpo da gestante, que dele podia dispor de acordo com sua vontade. Os estóicos ensinavam que o feto era uma porção das vísceras da mulher e que esta, ao abortar, nada mais fazia do que dispor do próprio corpo, no exercício de inconfundível *jus in se ipsa*. Isso implicou uma situação de verdadeira calamidade social, porquanto todos os segmentos da sociedade romana cometiam o aborto sem o menor constrangimento. Juvenal (*Sátira VI*, v. 539) criticou os constantes abortamentos provocados por Júlia, filha de Tito e sobrinha de Diocleciano, de quem diziam ser concubina. Também Ovídio relatou o costume em toda a sua extensão e gravidade, dizendo: “Atualmente, esvazia o útero a mulher que quer parecer bela, e, rara, em nossa época, é aquela que deseja ser mãe.”

Muito mais tarde, com Septímio Severo, é que o aborto passou a ser considerado crime, sujeitando-se os seus autores a penas severíssimas. Todavia, o que se levava em conta não era o fato em si, mas a lesão sofrida pelo pai de família, cujo direito à prole era ofendido.

Coube ao Cristianismo, principalmente com os imperadores Adriano, Constantino e Teodósio, atribuir-lhe o mesmo tratamento penal do crime de homicídio. Não obstante, alguns doutores da Igreja, tendo à frente Santo Agostinho, sustentavam, com base nas idéias de Aristóteles, que o aborto só era criminoso quando se tratasse de *feto animado*, o que, segundo eles, ocorria quarenta ou oitenta dias após a concepção, conforme se tratasse, respectivamente, de feto do sexo masculino ou feminino. O direito canônico se dividiu a respeito do assunto. Enquanto São Basílio, socorrendo-se da versão da *Vulgata*, afirmava que a distinção não podia ser aceita e que o aborto provocado era sempre criminoso, São Gregório, Zachia e outros recomendavam um tratamento penal diferente para as duas hipóteses, embora não deixassem de reconhecer o caráter criminoso do fato. Lembra Nelson Hungria (“Comentários ao Código Penal”, vol. V, p.

272) que, para o direito canônico, o importante era a perda da alma do nascituro que morria sem o batismo.

4. No Brasil, ele somente passou a ser definido como crime com a edição do Código Criminal do Império, que data de 16 de dezembro de 1830. No período colonial, o nosso Direito Penal era o constante do Livro Quinto das Ordenações do Reino – o temido *Livro Terrível* – que, embora fosse “um misto de despotismo e beatice, uma legislação híbrida e feroz, inspirada em falsas idéias religiosas e políticas”, não cuidou de puni-lo (a respeito, Batista Pereira, citado por José Frederico Marques, in “Tratado de Direito Penal”, Ed. Saraiva, São Paulo, 1978, v. 1, p. 85).

A partir desse primeiro Código, todos os que se lhe seguiram incluíram o aborto no rol de suas figuras delituosas. Atualmente, está assim disciplinado: 1) – Aborto provocado pela gestante (auto-aborto), ou consentido por ela: art. 124; 2) – Aborto provocado por terceiros com o consentimento da gestante: art. 126; 3) – Aborto provocado por terceiros sem o consentimento da gestante: art. 125; 4) – Aborto qualificado pelos resultados lesão corporal grave ou morte: art. 127; 5) – Aborto legal, que comporta duas espécies: I – Aborto necessário, quando não há outro meio de salvar a vida da gestante: art. 128, inciso I; II – Aborto sentimental, nos casos em que a gravidez resulta de estupro: art. 128, inciso II.

De todas essas modalidades, somente o aborto necessário é admitido pela Espiritualidade Superior, conforme se vê da resposta à questão 359 de “O Livro dos Espíritos”, que se constitui, inclusive, numa antecipação daquilo que, quase cem anos depois, o legislador penal brasileiro haveria de fazer constar do Código que entrou em vigor em 1942. Tanto ele como o sentimental (gravidez decorrente de estupro), somente podem ser praticados por médico, sendo que, no caso deste último, torna-se indispensável o prévio consentimento da gestante ou de seu representante legal, se ela for incapaz. As demais situações se sujeitam à proibição genérica do “não matarás”, de cujo alcance e dimensão já cogitamos no item anterior.

5. As modificações propostas pelo anteprojeto, não obstante os perigos e prejuízos que fatalmente acarretarão caso venham a ser transformadas em lei, ainda não satisfazem aos anseios dos que pugnam pela total exclusão do aborto do elenco dos crimes do Código Penal.

Essa reivindicação nasceu no começo deste século com o feminismo exacerbado da época, que “redescobriu” as velhas idéias romanas sobre o assunto e formulou o programa da *maternidade consciente*. O argumento central do programa foi apresentado primeiramente pelo médico francês Klotz-Forest. Sustentava que toda mulher pode dispor livremente de seu corpo e, conseqüentemente, recusar a maternidade, uma vez que o feto, durante a gestação, é uma simples parte das entranhas maternas. Fiel a essa tese, a líder feminista Nelly Roussel fixou as diretrizes do programa ao afirmar: – “Nós, as mulheres emancipadas de preconceitos ancestrais, recusamos ver no amor uma mácula e no sofrimento uma necessidade... Pretendemos dispor livremente de nossos flancos, que somente a nós pertencem, e não ser mães segundo o nosso alvedrio, escolhido por nós o momento oportuno sem que nenhuma consideração, religiosa ou patriótica, possa influir sobre nossa decisão, sem que ninguém se ponha a examinar as razões que nos façam temer ou desejar a concepção” (Apud Nelson Hungria, op. cit. vol. V, p. 275).

As feministas brasileiras fizeram coro com esse ponto de vista em um trabalho elaborado por Carmem Lúcia de Melo Barroso e Maria Carneiro da Cunha, publicado pela Frente de Mulheres Feministas (“O Que é o Aborto”, Cortez Ed. SP., 1980). Nele, são oferecidas duas conclusões principais:

Primeira: Nenhuma razão de ordem ética justifica a manutenção da “carnificina que é o aborto clandestino”, fato que, nas atuais circunstâncias, implica a imperiosa necessidade de se legalizar o aborto gratuito para as mulheres que o desejarem.

Segunda: O desejo de abortar ou de evitar uma gravidez indesejável, “ou mesmo e antes de tudo o desejo de não ter um filho”, podem “ser produtos de condições de vida em si mesmos indesejáveis” razão por que “a luta pela legalização não pode estar isolada de um projeto de transformações globais da sociedade” (sic).

Insatisfeitas com esses argumentos, as duas autoras insurgem-se contra a postura do Cristianismo em face do aborto – que consideram radical e “intolerante” – argumentando que ela não se harmoniza com os ensinamentos de Jesus, “sempre muito tolerantes”!!! Atribuem a propalada intolerância à pregação de Paulo, cuja personalidade sofreu muito a influência da “cultura judaica e grega, ambas extremamente misóginas”. Por isso mesmo, ele teria colocado a mulher numa posição social subalterna e dependente, como inevitável consequência do patriarcalismo de que era defensor. Resultou daí, entre outras coisas, a aversão dos cristãos pelo aborto.

Essas opiniões pecam pelo total distanciamento em que se encontram da moral evangélica. A tolerância, cujo objetivo é propiciar uma convivência fraterna entre os homens, não pode ser confundida com omissão, indiferença ou aplauso em face da morte de um ser humano em formação. Tolerar significa, por exemplo, saber enxergar a trave no próprio olho, evitar o julgamento precipitado, conhecer e exercer a necessidade de reconciliação com o desafeto, amar o inimigo, observar a regra de não se fazer aos outros aquilo que não se desejaria que os outros lhe fizessem. Por isso que a proibição do Decálogo quanto ao homicídio – “não matarás” – não exclui de seu campo de ação a morte do feto, nem por tolerância, nem por omissão. O aborto, conquanto definido em artigos diferentes, não deixa de ser uma modalidade ou subespécie de homicídio, embora com nome distinto. O que se verifica é apenas a mudança do sujeito passivo da infração penal. Numa, no homicídio, é o ser humano biologicamente integral e acabado; na outra, no aborto, é o ser humano em formação. Mas, tanto uma como a outra integram o rol dos crimes contra a vida enumerados no Capítulo I, do Título I, da Parte Especial do Código Penal vigente, que cuida especificamente dos crimes contra a pessoa.

Constitui, portanto, um absurdo incomensurável a inusitada tese de que o Mestre tenha, direta ou indiretamente, revelado sua tolerância ou seu apoio às hediondas condutas abortivas, tão ou mais homicidas do que as que implicam a morte de um homem adulto, porque praticadas contra quem sequer pode dispor de algum meio de defesa. A extensão dada por Jesus ao artigo V do Decálogo, retomada na severidade com que os Espíritos tratam o homicídio nas questões 746 a 751 de “O Livro dos Espíritos”, desautoriza toda e qualquer ação de matar. Não é demais, portanto, repetir que, no *ordenamento jurídico divino*, há uma única e exclusiva hipótese de licitude da morte de um homem provocada por outro homem – a legítima defesa – está condicionada ao fato de o agente não dispor de nenhum outro meio para preservar a própria vida. Fora disso, toda e qualquer conduta homicida, pouco importando o *nomem juris* de que seja detentora, jamais passará impune pelos tribunais da Justiça Divina.

6. Os defensores das inovações do anteprojeto – que serviriam de porta de entrada para uma futura descriminalização genérica do aborto – sustentam que ser contra uma determinada conduta não implica, necessariamente, a obrigatoriedade de considerá-la criminosa.

Essa postura, segundo eles, é a que melhor se harmoniza com a imperiosa necessidade de ser moderno. Em face disso, tem-se a impressão de que todos se sentem compelidos a acompanhar, assimilar e viver as últimas novidades trabalhadas pela mídia, sob pena de uma total alienação. Esse fato, aliado à concepção da unicidade da vida, que entende que ela começa no berço e finda no túmulo, parece exercer uma forte influência no ânimo da maioria dos penalistas brasileiros, entre os quais se incluem os responsáveis pelo anteprojeto da reforma da parte especial do Código Penal. Daí a razão por que muitos vêem, na incriminação do aborto, uma atitude reveladora de hábitos e costumes ultrapassados.

Adepto dessas idéias, o Professor Técio Lins e Silva declarou a uma revista especializada de Belo Horizonte o seguinte: – “Ser contra alguma coisa não implica, necessariamente, na necessidade de se incriminar o que não aceitamos. São situações distintas: ser contra o aborto, no meu modo de ver, não é dizer que à mulher que o admitiu deva ser imposta condenação criminal, marginalizando-a e considerando essa mulher uma criminosa. Contudo, o que acho significativo ressaltar é não mais ser possível continuarmos a tratar assuntos tão importantes para vida das pessoas permeando-os com dogmas religiosos, com pensamentos reacionários. É claro que o legislador deve interpretar o sentimento médio da sociedade, mas ele tem também, e principalmente, um papel revolucionário na transformação. Não fosse assim, as leis somente teriam qualquer evolução de século em século. Mas o que temo, infelizmente, é o debate parlamentar, pois o Congresso não se tem comportado de forma independente e muitas vezes o oportunismo para agradar as chamadas ‘bases’ emperra a evolução e a modernidade. Pior do que isso, muitas vezes não se consegue sequer ser contemporâneo!” (Del Rey, *Revista Jurídica*, Livraria e Editora Del Rey, Belo Horizonte, abril de 1999, p. 8.)

7. Todavia, é forçoso reconhecer que, no estágio atual da Humanidade, a sanção penal ainda é imprescindível à sociedade. O Direito Penal, com o seu elenco de crimes e de penas, não pode, por enquanto, ser substituído pelas regras internas de conduta e pelas sanções ditadas pela consciência, em face do atraso moral em que se estaciona a maioria dos habitantes do Orbe. O momento, principalmente o *momento brasileiro*, não comporta determinadas aberturas e liberalidades, posto que o homem ainda não aprendeu a conviver com elas e as utiliza egoisticamente em benefício de si próprio e em detrimento do semelhante. A regra áurea do Cristianismo – “tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-lhes também vós” – ainda não foi nem assimilada nem devidamente posta em execução, embora tenha sido vislumbrada pelos romanos, desde época anterior à vinda de Jesus, no famoso adágio: “*Honeste vivere, neminem laedere, suum cuique tribure*” (Viver honestamente, não lesar a ninguém, dar a cada um o seu).

Na verdade, pode-se dizer que os homens, na sua totalidade, são criminosos, embora processualmente continuem a gozar do *status* de respeitáveis cidadãos. É o que ensina a sabedoria de Francisco Cândido Xavier, ao afirmar: – “(...) criminoso é qualquer um de nós que foi descoberto.” (Adelino da Silveira in “Chico, de Francisco”, Editora Cultural Espírita União, SP, 1987, p. 143.)

O velho e consagrado hábito de “se falar mal da vida alheia”, que pode configurar o crime de difamação, prova a veracidade dessa afirmativa. Tal comportamento, característico de todas as épocas e de todos os tempos, demonstra a pouca importância que o homem sempre deu às violações das normas morais, principalmente em face da reconhecida ineficácia de suas sanções, tanto para o indivíduo, como para a sociedade.

É fácil, portanto, prever o que acontecerá a partir do instante em que ações que importam na eliminação da vida humana – como é o caso do aborto – deixarem de interessar ao Direito Penal, para se submeterem ao julgamento complacente, distorcido e frágil da consciência malformada de quem as cometeu.

8. A simpatia com que se procura envolver essas condutas, sobretudo através dos meios de comunicação, assim como a bem engendrada campanha para a sua progressiva liberação e acatamento pelo direito e pela sociedade implicará, ao contrário do que apregoa, um inquestionável retrocesso a períodos históricos de notório atraso moral. Os exemplos dos países europeus, sempre lembrados em defesa da modernidade da descriminalização do aborto, não devem ser levados em conta, em virtude do conhecido materialismo em que tais países vivem mergulhados ou da ignorância e fanatismo religioso que neles predomina.

Por sua vez, a argüida clandestinidade no cometimento desse crime não serve de pretexto para legitimar e oficializar a sua prática, ao argumento de que essa clandestinidade é a responsável pela ocorrência de uma verdadeira carnificina. Legal ou ilegal, clandestina ou oficial, a carnificina existirá sempre que ocorrer um aborto e a agressão ao direito de viver persistirá, com todas as suas indesejáveis e danosas conseqüências.

A questão não se reduz ao aspecto de o aborto ser, ou não, um fato admitido pela lei penal; de ser, ou não, criminoso; de ser, ou não, praticado às escondidas!

O que se afirma, sem a menor possibilidade de se incidir em erro, é que ele, não obstante todas as máscaras de que se possa revestir, jamais perderá a hediondez resultante da violação de um dos preceitos básicos da Lei de Deus, que proíbe, sem exceções, o pseudodireito de alguém provocar a morte de outrem, seja este outrem adulto, jovem, criança ou um ser em formação.

9. À vista dessas considerações, é fácil constatar-se a importância da ação dos espíritos, no sentido de conscientizar a população quanto às terríveis conseqüências, materiais e espirituais, que o aborto, legal ou ilegal, oficial ou clandestino, acarreta para uma nação que o pratica. No caso específico do Brasil, os efeitos haverão de ser de muito maior dimensão, tendo em vista a sua predestinação espiritual como a futura pátria do Evangelho.

Não basta, contudo, tal predestinação. Importa, antes de tudo e acima de tudo, que ele, como predestinado, se faça merecedor da confiança que o Cristo nele depositou, sob pena de ver transformada em dura realidade a sua seriíssima advertência: – “Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.” (Mateus, 21:43.) De mais a mais, os Espíritos, ao se referirem à responsabilidade dos povos, ensinam que “aqueles, cujas leis egoísticas obstam ao progresso das luzes e da caridade, morrem, porque a luz mata as trevas e a caridade mata o egoísmo. Mas, para os povos, como para os indivíduos, há a vida da alma. Aqueles, cujas leis se harmonizem com as leis eternas do Criador, viverão e servirão de farol aos outros povos”. (Q. 788 de “O Livro dos Espíritos”.) ●

Seara Espírita

Mato Grosso: 2º Congresso Espírita

O 2º Congresso Espírita do Estado de Mato Grosso, realizado em Cuiabá, no Centro de Convenções do Hotel Fazenda Mato Grosso, de 20 a 23 de julho passado, contou com a participação de 1.120 congressistas de Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rondônia, Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo, Maranhão, Distrito Federal e de todos os municípios daquele Estado. Promovido pela Federação Espírita do Estado de Mato Grosso, teve como palestrantes: Divaldo Pereira Franco (BA), José Raul Teixeira (RJ), Cosme Massi (SP) e Alberto Almeida (PA).

Ceará: Congresso Espírita

O Centro de Convenções Edson Queiroz, de Fortaleza, será a sede do 5º CONECE – Congresso Espírita do Estado do Ceará –, no período de 10 a 12 do corrente mês, promovido pela Federação Espírita do Estado do Ceará. O tema central – Espiritismo e a Solução dos Problemas Humanos – será desenvolvido por Frederico Menezes (PE), Mércia de Carvalho (RN) e, da Bahia, Adenauer Novaes, André Luiz Peixinho, Marcel Mariano.

Santos (SP): “Anjo da Guarda” comemora 117 anos

Fundada em 2 de novembro de 1883, na cidade de Santos, por um grupo de espíritas liderado pelo médium de curas Benedito José de Souza Júnior, a Sociedade Espírita “Anjo da Guarda” completa 117 anos de ininterrupta atividade, cumprindo os objetivos estabelecidos em sua fundação: “Promover o estudo completo da ciência espírita experimental e religiosa; difundir a ciência espírita dentro do Evangelho de Nosso Senhor Jesus-Cristo; combater o falso espiritismo e fundar organizações civis que beneficiem a Humanidade e cuja assistência seja gratuita”. Foi assim que a Sociedade criou, em 28 de agosto de 1895, a Associação Auxílio aos Necessitados.

Congresso Internacional de Cegos Espíritas

Como parte das comemorações dos cinquenta anos da sua fundação, a Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille (SPLEB) pretende realizar no Rio de Janeiro (RJ), no primeiro semestre de 2003, o I Congresso Internacional de Cegos Espíritas. A Comissão nomeada para planejar, organizar e dirigir o evento adotou, em princípio, como tema central, O Cego no Terceiro Milênio.

Brasília (DF): Encontro de Magistrados Espíritas

A Associação Brasileira dos Magistrados Espíritas realizou na sede do Superior Tribunal de Justiça, em Brasília, no dia 23 de setembro, o 1º Encontro Nacional dos Magistrados Espíritas, que contou com a presença e o pronunciamento do Presidente daquele Tribunal, Ministro Paulo Roberto Saraiva da Costa Leite, seguido da palestra de Manoel Tibúrcio Nogueira sobre A Justiça à Luz do Evangelho.

Espanha: Congresso Espírita Nacional

A Federação Espírita Espanhola promoverá no Hotel Foxá, com colaboração da Associação de Estudos Espíritas de Madrid, C.E. y D.E. e C.E.M.E.L, o VIII Congresso Espírita Nacional na Espanha, de 8 a 10 de dezembro vindouro. O tema do evento é La Reencarnación ante el siglo XXI e contará com diversos expositores, entre os quais, Divaldo Pereira Franco e Miguel de Jesus Sardano, do Brasil, e Juan Antonio Durante, da Argentina.

“O Evangelho segundo o Espiritismo” em Inglês

A Allan Kardec Educational Society, presidida por John Zério, promoveu o lançamento em Nova York (EUA) da nova edição de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec, traduzida diretamente do francês, num encontro de confraternização que reuniu mais de 500 personalidades, entre escritores, artistas, jornalistas e dirigentes de instituições espíritas. Divaldo Pereira Franco, patrono do evento, proferiu breve alocução.

Sergipe: Congresso Espírita

Comemorando o cinquentenário de sua fundação, a Federação Espírita do Estado de Sergipe promove, em Aracaju, no período de 3 a 5 deste mês, o II Congresso Espírita de Sergipe, com o tema: Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho. Participam do evento Divaldo Pereira Franco, José Raul Teixeira e outros expositores espíritas de vários Estados brasileiros. A Sessão de Abertura será no Espaço EMES e as demais atividades no Centro de Convenções.

SEJA SÓCIO DA FEB

A FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA é instituição sem fins lucrativos, de caráter nacional, dedicada ao estudo e difusão da Doutrina Espírita, por sua divulgação e apoio ao Movimento Espírita nacional e internacional.

Associe-se à Instituição, como sócio contribuinte, colaborando para a tarefa a que se propõe realizar na causa do bem e na prática da caridade. Basta preencher este cupom e colocá-lo no correio; não precisa selar. A cada trimestre você decide o valor de sua contribuição. Indique a seguir o valor para o trimestre inicial: **R\$.....** *

Nome.....
Endereço CEP
Município..... Estado País.....
Tel.: () Celular () Fax
E-Mail Identidade CPF
Assinatura

* Valor mínimo trimestral de R\$ 15,00. Aguarde as boletas e instruções para pagamento.
Obrigado.

REFORMADOR

PEDIDO DE ASSINATURA:

ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO:

Nome
Endereço
Bairro..... CEP
Cidade Estado
País Tel.:

* Se você deseja oferecer uma assinatura de presente a alguém preencha o quadro acima com os dados do presenteado e o quadro abaixo com seus dados.

Para cobrança: Nome
Endereço
Bairro..... CEP
Cidade Estado
País Tel.:

NOTA: O pedido de assinatura deve vir acompanhado do comprovante do pagamento da assinatura anual, no valor de R\$ 24,00.

O pagamento pode ser feito através de cheque nominal à Federação Espírita Brasileira, ou de ordem de pagamento, vale postal ou depósito na conta 9062-X — Agência 0265-8, do Banco do Brasil (enviando-nos o comprovante).